

Maria na teologia e na pastoral



03 A devoção marial
no Brasil
contemporâneo:
olhar panorâmico

Afonso Murad

15 A linhagem de Maria
de Nazaré na
Sagrada Escritura

Lina Boff, smr

25 Aprender de Maria:
teimosia na luta
contra o sistema de
morte de Belém e
dos sistemas de hoje

Celia Soares de Sousa

31 Ofício da Mãe
do Senhor

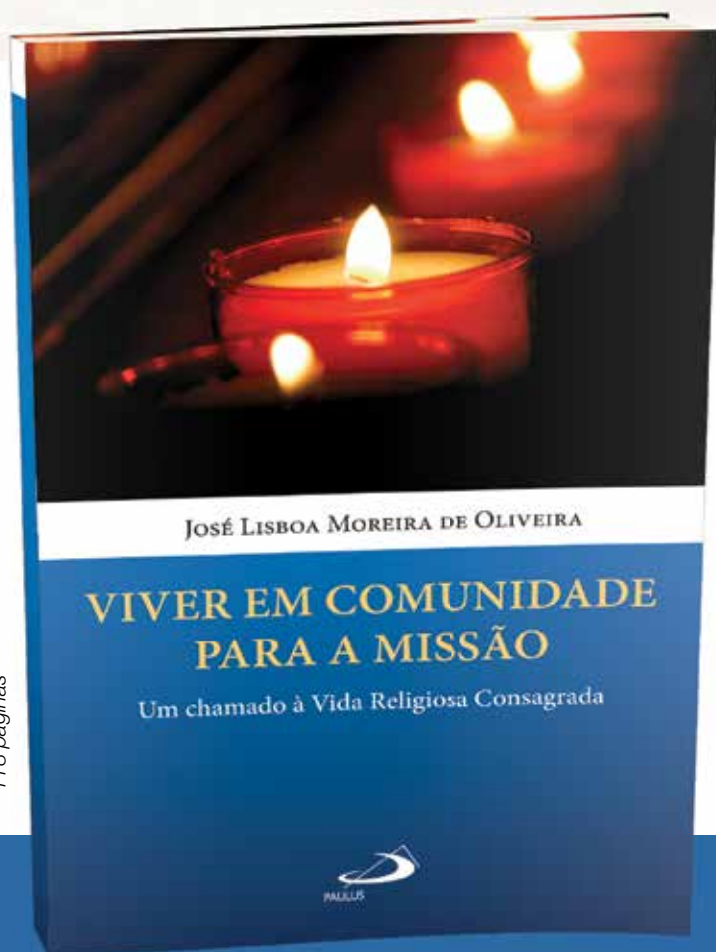
Reginaldo Veloso

35 Projeto de lei para
a reforma política
CNBB/OAB e outras entidades

41 Roteiros homiléticos
Aíla Luzia Pinheiro Andrade, nj

UNIDOS NO SEGUIMENTO **DE JESUS**

118 páginas



VIVER EM COMUNIDADE PARA A MISSÃO

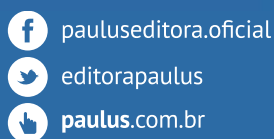
**Um chamado à vida
religiosa consagrada**

José Lisboa Moreira de Oliveira

Uma narrativa sobre a vida, as histórias e as fadigas de muitos religiosos e religiosas. Reflexão sobre a grande "procura de sagrado" do nosso tempo e nossa Igreja. Uma leitura iluminadora para crentes e não crentes.

VENDAS:

11 3789-4000 | 0800-164011
vendas@paulus.com.br



Caros leitores e leitoras,

Graça e paz!

Maria tem um papel significativo no mistério da salvação. Ela nos ajuda a fazer o elo entre os quatro tempos histórico-salvíficos, porque perpassou todos eles: 1) ela pertence ao Antigo Testamento (é reconhecida como a Filha de Sião, categoria usada no AT para personificar o povo de Israel em uma mulher); 2) acompanha o tempo de Cristo terreno como discípula fiel (Lucas); 3) está presente no início da Igreja (At 1,14); 4) inaugura o tempo da humanidade totalmente redimida em corpo e alma no céu. Tanto na Escritura como na Patrística e no Magistério da Igreja, Maria aparece como colaboradora e discípula fiel, de forma sempre orientada para os mistérios centrais da fé. Os primeiros escritores da Patrística focalizaram sobretudo sua fé e obediência, superando a desobediência de Adão e Eva. A figura de Maria tem mobilizado muitas devoções e atraído multidões de fiéis em todo o mundo católico, fazendo parte da identidade da Igreja.

Geralmente se costuma chamar as práticas e devoções muito difundidas de “populares”, mas, no artigo a seguir, o ir. Afonso Murad chama a atenção para um aspecto atual muito importante no que diz respeito a essa questão. Com o advento da sociedade midiática e da cultura urbana, sobraram poucas práticas autenticamente populares. Há na atualidade a devoção midiática, que não é simplesmente popular, nem na sua origem nem no protagonismo. São práticas devocionais geradas, apoiadas e difundidas por pessoas e grupos organizados, nos quais se incluem padres, leigos, institutos religiosos, novas comunidades e movimentos eclesiais bem determinados, sendo fato que alguns desses protagonistas “têm pouco senso eclesial. Sobrepõem-se às comunidades locais, paróquias e dioceses. Nutrem forte espírito corporativo e megalomania”.

Seja na forma de devoções populares ou midiáticas, por vezes surgem excessos, certos desvios, exageros, carências catequéticas, práticas ou títulos esdrúxulos dados à mãe do Senhor, alguns podendo beirar a heresia. Coisas que não a engrandecem, mas deturpam sua verdadeira grandeza na história de Cristo e da salvação.

Por um lado, cabe a sensibilidade e o respeito às práticas devocionais. Por outro, não convém contentar-se com o sucesso fácil e com a superficialidade, ter medo de frear os exageros e omitir-se. São necessários cuidado e esforços para purificar, evangelizar e aprofundar as devoções e centrá-las em Cristo e no Reino de Deus (cf. DAp 262), atendendo a própria Maria, que, no evangelho, diz: “Faizei aquilo que ele vos disser”.

O trabalho pastoral, nesse sentido, implica desvelar ao povo a figura da mãe de Jesus como a grande crente, a discípula fiel e companheira de Jesus. Maria não é apenas a mãe amorosa, mas tem esses outros aspectos igualmente muito importantes, ressaltados no evangelho e lembrados pela *Lumen Gentium*. Atenta ao seu Filho, ela passa de mãe biológica de Jesus a membro efetivo da nova família de seus seguidores.

Ela é modelo para a Igreja, na fé, na caridade e na união com Cristo, nas disposições com que a mesma Igreja o invoca e, por meio dele, presta culto ao Pai (*Marialis Cultus*, n. 16). Ela acolhe tão intensamente a vontade de Deus e seu Espírito, a ponto de traduzi-los em fecundidade material. Toda a história da salvação encontra ressonância em Maria: ela porta e traduz as esperanças messiânicas do povo da Antiga e da Nova Alianças, algo que é sintetizado no seu cântico, que mostra a atenção de Deus aos fracos da história e a participação dela nessa atenção. Prestar autêntico culto a Maria é reconhecer essas suas atitudes fundamentais e esforçar-se por praticá-las.

Pe. Jakson Alencar, ssp
Editor

Editora PIA SOCIEDADE DE SÃO PAULO
Diretor Pe. Claudiano Avelino dos Santos
Editor Pe. Jakson F. de Alencar – MTB MG08279JP
Conselho editorial Pe. Jakson F. de Alencar, Pe. Zulmiro Caon, Pe. Claudiano Avelino, Pe. Paulo Bazaglia, Pe. Darci Marin
Ilustração da capa Lúcio Américo de Oliveira
Ilustrações internas Luís Henrique Alves Pinto
Editoração Fernando Tangi

Revisão Tiago José Risi Leme, Alexandre Santana, Cícera Gabriela Sousa Martins
Assinaturas assinaturas@paulus.com.br
(11) 3789-4000 • FAX: 3789-4011
Rua Francisco Cruz, 229
Depto. Financeiro • CEP 04117-091 • São Paulo/SP
Redação © PAULUS – São Paulo (Brasil) • ISSN 0507-7184
vidapastoral@paulus.com.br
www.paulus.com.br / www.paulinos.org.br
vidapastoral.com.br

Vida Pastoral – Assinaturas

A revista Vida Pastoral é distribuída gratuitamente pela Paulus. A editora aceita contribuições espontâneas para as despesas postais e de produção da revista.

Para as pessoas que moram em cidades onde não há livraria Paulus e desejam receber a revista, as assinaturas podem ser efetuadas mediante envio dos dados para cadastro de assinante (nome completo, endereço, telefone, CPF ou CNPJ) e de contribuição espontânea para a manutenção da revista. Para os que já são assinantes e desejam renovar a assinatura, pede-se acrescentar aos dados também o código de assinante.

Para contato:
E-mail: assinaturas@paulus.com.br
Tel.: (11) 3789-4000
Fax: (11) 3789-4004

Para a efetuação de assinaturas, enviar dados e cópia de comprovante de depósito da contribuição para despesas postais para: Revista Vida Pastoral – assinaturas
Rua Francisco Cruz, 229 – Depto. Financeiro
04117-091 – São Paulo – SP

Contas para depósito de contribuição para despesas postais:
Banco do Brasil: agência 0646-7, conta 5555-7
Bradesco: agência 3450-9, conta 1139-8

Livrarias Paulus

APARECIDA – SP
Centro de Apoio aos Romeiros
Lojas 44,45,78,79
(12) 3104-1145
aparecida@paulus.com.br

ARACAJU – SE
Rua Laranjeiras, 319
(79) 3211-2927
aracaju@paulus.com.br

BELÉM – PA
Rua 28 de setembro, 61 –
Campina – (91) 3212-1195
belem@paulus.com.br

BELO HORIZONTE – MG
Rua da Bahia, 1136
Ed. Arcângelo Maleta
(31) 3274-3299
bh@paulus.com.br

BRASÍLIA – DF
SCS – Q.1 – Bloco I – Edifício
Central – Loja 15 – Asa Sul
(61) 3225-9847
brasilia@paulus.com.br

CAMPINAS – SP
Rua Barão de Jaguara, 1163
(19) 3231-5866
campinas@paulus.com.br

CAMPO GRANDE – MS
Av. Calógeras, 2405 – Centro
(67) 3382-3251
campogrande@paulus.com.br

CAXIAS DO SUL – RS
Av. Júlio de Castilho, 2029
(54) 3221-7797
caxias@paulus.com.br

CUIABÁ – MT
Rua Antônio Maria Coelho, 180
(65) 3623-0207
cuiaba@paulus.com.br

CURITIBA – PR
Pça. Rui Barbosa, 599
(41) 3223-6652
curitiba@paulus.com.br

FLORIANÓPOLIS – SC
Rua Jerônimo Coelho, 119
(48) 3223-6567
florianopolis@paulus.com.br

FORTALEZA – CE
Rua Floriano Peixoto, 523
(85) 3252-4201
fortaleza@paulus.com.br

GOIÂNIA – GO
Rua Seis, 201 – Centro
(62) 3223-6860
goiania@paulus.com.br

JOÃO PESSOA – PB
Praça Dom Adauto, S/N
Junto à Cúria – Centro
(83) 3221-5108
joaopessoa@paulus.com.br

JUIZ DE FORA – MG
Av. Barão do Rio Branco, 2590
(32) 3215-2160
juizdefora@paulus.com.br

MANAUS – AM
Rua Itamaracá, 21, Centro
(92) 3622-7110
manaus@paulus.com.br

NATAL – RN
Rua Cel. Cascudo, 333
Cidade Alta – (84) 3211-7514
natal@paulus.com.br

PORTO ALEGRE – RS
Rua Dr. José Montauray, 155
Centro – (51) 3227-7313
portoalegre@paulus.com.br

RECIFE – PE
Av. Dantas Barreto, 1000 B
(81) 3224-9637
recife@paulus.com.br

RIBEIRÃO PRETO – SP
Rua São Sebastião, 621
(16) 3610-9203
ribeiraopreto@paulus.com.br

RIO DE JANEIRO – RJ
Rua México, 111-B
(21) 2240-1303
riodejaneiro@paulus.com.br

SALVADOR – BA
Rua Direita da Piedade, 20/22
Barris
(71) 3321-4446
salvador@paulus.com.br

SANTO ANDRÉ – SP
Rua Campos Sales, 255
(11) 4992-0623
stoandre@paulus.com.br

SÃO LUÍS – MA
Rua do Passeio, 229 – Centro
(98) 3231-2665
saoluis@paulus.com.br

SÃO JOSÉ DO RIO PRETO – SP
Rua XV de Novembro, 2826
(17) 3233-5188
riopreto@paulus.com.br

SÃO PAULO – PRAÇA DA SÉ
Praça da Sé, 180
(11) 3105-0030
pracase@paulus.com.br

SÃO PAULO – RAPOSO TAVARES
Via Raposo Tavares, Km 18,5
(11) 3789-4005
raposotavares@paulus.com.br

SÃO PAULO – VILA MARIANA
Rua Dr. Pinto Ferraz, 207
Metrô Vila Mariana
(11) 5549-1582
vilamariana@paulus.com.br

VITÓRIA – ES
Rua Duque de Caxias, 121
(27) 3323-0116
vitoria@paulus.com.br



A devoção marial no Brasil contemporâneo: olhar panorâmico

Afonso Murad*

Cumpra realizar um “discernimento pastoral”, em âmbito local, paroquial e diocesano, diante das devoções marianas. E, nesse campo, não se trata de taxar as manifestações devocionais de “certas” ou “erradas”, mas sim identificar em que proporção favorecem a adesão a Jesus e à causa do Reino de Deus e permitem uma forma aberta e dialógica de estar no mundo.

Analisar a devoção mariana no Brasil contemporâneo, em vista de ação pastoral lúcida e eficaz, é tarefa arriscada e também necessária. Não estamos em terra firme, como parece à primeira vista. Quando alguém caminha na beira da praia, sobre a areia fofa, experimenta certa insegurança e necessita maior energia e atenção para dar os passos. Mais difícil ainda quando se entra em áreas alagadas, denominadas de “banhados” em algumas regiões do país. Nesse espaço, misturam-se de tal forma água e terra, que o caminhante desavisado pode afundar. Por vezes, o panorama mariano assemelha-se a um manguezal. No tempo de maré alta, é possível navegar ou “nadar de braçada”. No cenário de maré baixa, exige-se maior cuidado. Esta é a primeira constatação: a devoção mariana não é um terreno tão evidente e seguro, como pode aparentar. O que a faz tão move-dição? Talvez o fato de apresentar simultaneamente, no mesmo fenômeno, aspectos teológico-pastorais positivos e elementos ambíguos. Mesclam-se ainda muitos elementos culturais e subjetivos, que não serão objeto deste artigo, com os explicitamente teológico-pastorais.

* Ir. Afonso Murad, marista, é doutor em Teologia. Professor na Faje (Faculdade Jesuíta) e no Ista (Instituto Santo Tomás de Aquino) em Belo Horizonte. Autor de várias obras, entre as quais: *Maria, toda de Deus e tão humana – Compêndio de Mariologia* (Paulinas/Santuário); *O que Maria tem a dizer às mães de hoje?* (Paulus); *Gestão e espiritualidade* (Paulinas). E-mail: murad4@marista.edu.br; blog: maenossa.blogspot.com



1. O terreno movediço da devoção: terra, água e detritos

A devoção aos santos e a Maria faz parte da identidade católica. Ela está enraizada em grande parte da população. Praticamente, a oração da Ave-Maria é a primeira que se aprende na infância. Invoca-se a mãe de Jesus como a “nossa mãe do Céu”. A figura de Maria glorificada, traduzida em estátuas, pinturas e nas distintas “Nossas Senhoras”, tem imensa atratividade pastoral. Atrai e conserva boa parcela dos fiéis. Mobiliza grupos e multidões para peregrinações nos muitos santuários marianos. Os templos católicos ficam cheios, sobretudo nas “festas da padroeira”. Do ponto de vista comunitário, devoções marianas clássicas, como a oração do terço, novenas e outras expressões, favorecem práticas religiosas com a vizinhança que fortalecem os laços interpessoais, criam e animam a comunidade local.

Acrescentam-se a isso fenômenos antigos, com alguns traços modernos. Proliferam na mídia os “depoimentos” de pessoas que se converteram ou foram curadas milagrosamente após recorrerem à mãe de Jesus. Aumentam as comunidades de vida e aliança, de inspiração carismática, relacionadas com a devoção mariana. Movimentos aparicionistas, no Brasil ou no exterior, alimentam a chama da devoção mariana, com mensagens e sinais extraordinários. No meio do clero predomina uma visão pragmática. Mesmo que o presbítero não seja pessoalmente um devoto de Maria, ele estimula os movimentos marianos de qualquer espécie, pois acredita nos seus benefícios pastorais. Em suma, mesmo que algumas coisas pareçam estranhas, tem-se a ideia de que tudo o que se relaciona com a devoção mariana é bom e deve ser aceito. Ou, ao menos, tolerado.

O reverso do quadro também é verdadeiro. O último censo religioso, de 2010, mostrou

que a população evangélica no Brasil continua aumentando, embora em ritmo menor do que na década passada. Em várias regiões urbanas do Brasil, mais de um terço da população declara-se evangélica. Parte desses “convertidos” mantém alguma prática devocional mariana, apesar da censura dos seus pastores. Mas as novas gerações já não herdaram esse componente simbólico. Portanto, não é correto afirmar que a devoção mariana constitui a identidade do brasileiro/a. Ela faz parte, sim, de um grupo (ainda) majoritário. Qual o significado da devoção mariana em uma sociedade urbana e plural, na qual o campo religioso se altera de forma impressionante? Se a devoção mariana é algo tão enraizado e forte, por que é insuficiente para manter as grandes massas das periferias urbanas na pertença católica?

Outro dado preocupante, apontado pelo censo, diz respeito à relativa diminuição de mulheres no contingente católico. Como são elas as primeiras difusoras da devoção no âmbito familiar, tal dado pode sinalizar uma tendência de diminuição, a longo prazo, da devoção mariana no próprio âmbito católico. Além disso, a onda devocional mariana, que por vezes parece um *tsunami*, não traz no seu bojo somente águas, mas também muitos detritos, tais como intolerância religiosa, certo fanatismo, visão mágica, exageros e até manifestações com claros traços de desequilíbrio psíquico. O que dizer, por exemplo, de movimentos que propõem a prática de uma infinidade de Ave-Marias ou de Salve-Rainhas ou então a atitude de andar com uma corrente, para sinalizar que se é “escravo de Maria”? Ou de mensagens estranhas, moralistas e terrificantes de pretensas aparições?

Cumprir realizar um “discernimento pastoral”, em âmbito local, paroquial e diocesano, diante das devoções marianas. E, nesse

“Evangelizar não se reduz a vender um produto religioso que agrada ao cliente e lhe dá satisfação espiritual.”



campo, não se trata de taxar as manifestações devocionais de “certas” ou “erradas”, mas sim identificar em que proporção favorecem a adesão a Jesus e à causa do Reino de Deus e permitem uma forma aberta e dialogal de estar no mundo. Nesse discernimento, identificam-se, de forma provisória, os elementos positivos e os aspectos ambíguos que apresentam riscos de degenerar a experiência cristã. Por fim, empreendem-se ações pastorais de renovação da devoção mariana para as massas, para a população que frequenta as igrejas e para as lideranças eclesiais.

Cabe aos presbíteros, religiosos/as e leigos/as superar certo superficialismo e pragmatismo pastoral. Este se manifesta em posturas como: “Eu promovo as devoções marianas (mesmo que elas não sejam importantes para mim) porque *o povo gosta*”. O argumento é inconsistente do ponto de vista teológico. Ora, o discurso baseado no lema “porque o povo gosta” é usado de forma antiética em muitas instâncias da sociedade. Basta lembrar os programas de rádio e TV que exploram a violência e a tragédia porque isso rende audiência (e, conseqüentemente, patrocínio). Ou ainda, a sensualidade desmedida e precoce, presente em vários veículos da mídia. É certo que devemos levar em conta as tendências e os gostos dos nossos destinatários e interlocutores na evangelização. Mas esse não é o critério decisivo. Evangelizar não se reduz a vender um produto religioso que agrada ao cliente e lhe dá satisfação espiritual. Promovemos a devoção mariana porque ela tem fundamentos doutrinários e espirituais, não simplesmente porque faz sucesso.

Além disso, o próprio conceito de “sucesso” é questionável. O profetismo, elemento fundamental da mística cristã, comporta uma crítica aos comportamentos massivos, ao formalismo, à religião do sistema. O cristianismo tem um elemento irrenunciavelmente minoritário. Embora destinado a todos, convida para um “mais”. Pretende ser sal e fer-

Teologia do processo Uma introdução básica

C. Robert Mesle



Será que Deus se importa? Escrevendo com perspicácia e clareza digna de nota, Robert Mesle apresenta a seus leitores uma forma de pensar em Deus e em nosso mundo que explora questões profundas sem se afastar do senso comum. O resultado é uma cartilha básica sobre os fundamentos da teologia do processo, pela qual muitos aguardam há tempo. O Deus da teologia do processo faz tudo o que permite o poder divino para trabalhar pelo bem.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





mento. Postula atitudes exigentes, posturas reflexivas, custosas e renúncias.

A ação pastoral conjuga, em diferentes âmbitos e intensidade, duas dimensões aparentemente contraditórias. De um lado, busca aumentar o número de fiéis e conquistar as massas. Para isso, recorre a esquemas massivos, de impacto, nos quais predominam a linguagem imediatamente acessível, o convencimento, a sedução, o encantamento, “a magia”, os gestos simbólicos. De outro lado, por fidelidade ao evangelho de Jesus, denuncia os enganos da religiosidade fácil, convida a gestos mais profundos, propõe pensar, cria espaços de reflexão, provoca conflito ao desmascarar estruturas pecaminosas. Ora, uma devoção mariana lúcida e equilibrada mantém a tensão entre essas dimensões. Por ser profética, não cede aos encantos da religiosidade fácil e manipuladora. Para impactar as massas, busca formas e expressões que penetrem no tecido social. Usemos aqui uma analogia rural: o profetismo e a tendência massiva são como dois bois atrelados na mesma canga. Cada um puxa o carro em sua direção. Mas, atualmente, o “boi massivo” está levando o carro a alguns “descaminhos”.

Certa vez, em curso de mariologia destinado ao clero, um padre disse: “Eu uso a devoção como *isca*, para atrair o povo para a missa e os sacramentos”. Ora, mais uma vez aqui se desvela o caráter instrumentalizador da devoção, desta vez para fins clericais explícitos.

Então, qual seria o fundamento teológico-pastoral do culto a Maria? E os seus limites e possibilidades?

2. A legitimidade do culto a Maria no horizonte católico

Se você perguntar a um grupo de católi-

cos: “Por que você reza a Maria, e não diretamente a Jesus?”, encontrará respostas curiosas. Uns justificarão que “desde criança eu rezo para Nossa Senhora, e dá certo” (!). Outros, “porque ela é minha mãe do Céu”, ou ainda “ela é muito bondosa e sempre escuta nossos pedidos”; “Ela é a poderosa rainha do céu e da terra”. E não faltará aquele que diz “peça à mãe, que o Filho atende” e “Maria passa na frente”. O fato é que a devoção mariana é muito mais afetiva do que intelectual. Por isso, não se explicitam as razões.

**“O profetismo,
elemento
fundamental da
mística cristã,
comporta uma crítica
aos comportamentos
massivos, ao
formalismo, à religião
do sistema.”**

O fundamento da visão católica contemporânea sobre a legitimidade do culto a Maria se encontra no capítulo 8 da Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, do Concílio Vaticano II. Após apresentar alguns traços do perfil bíblico de Maria e refletir sobre a relação entre a Mãe de Jesus e a Igreja, aborda-se de frente a delicada questão: *Se Jesus é o único mediador entre Deus e a humanidade, como compreender então*

a intercessão de Maria? Coerente com os dados bíblicos, o documento conciliar confirma que *Cristo é o único mediador*. Mas essa única mediação de Cristo não é compreendida de forma exclusiva ou excludente, pois os santos são colaboradores de Jesus.

Segundo os padres conciliares, a *missão materna de Maria* não diminui a mediação única de Cristo, mas mostra a sua potência. Não se origina de uma necessidade interna, mas do dom de Deus. Não impede, mas favorece a união dos fiéis com Cristo (LG 60). Nenhuma criatura jamais pode ser colocada no mesmo plano do Verbo encarnado e redentor. Mas o sacerdócio de Cristo é *participado* de vários modos pelo povo de Deus, e a bondade de Deus é difundida nas criaturas. A única mediação do Redentor suscita nas criaturas uma variada *cooperação*, que participa de uma única fonte (LG 62). O concílio reco-



nhece a legitimidade de recorrer à intercessão de Maria, pois se trata de cooperação na única mediação de Cristo. Não se utiliza a expressão “medianeira”, até então marcada com acento maximalista.

A colaboração de Maria não se situa no mesmo plano da missão redentora de Jesus. Põe-se em função dessa missão e dela depende incondicionalmente. O culto a Maria é singular, diferindo e se orientando para o culto à Trindade (LG 66). E o concílio avança, mostrando que o culto a Maria é bom, enquanto exercitado de maneira equilibrada: “Recomenda-se o culto a Maria, evitando tanto os exageros quanto a demasiada estreiteza de espírito. A verdadeira devoção a Maria não consiste num estéril e transitório afeto, nem numa vã credulidade, mas no reconhecimento da figura da Virgem Maria e no seguimento de suas virtudes” (LG 67).

Portanto, justifica-se o culto a Maria, no horizonte do seguimento de Jesus e da comunhão dos santos. Maria *coopera* de forma especial na única mediação de Cristo, que é inclusiva.

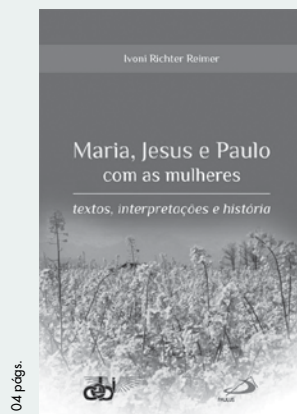
O concílio diz que Maria é *membro, símbolo e mãe* da Igreja, a partir de sua relação ímpar com Jesus. Não se trata somente da maternidade. Porque *mãe, companheira e serva* do Senhor, torna-se, assim, nossa mãe, na ordem da graça (LG 61). Devido à sua maternidade, à união de missão com Cristo e às suas singulares graças e funções, está também intimamente relacionada com a Igreja (LG 63). Como Maria, a Igreja é mãe: gera novos filhos pelo batismo, guarda a Palavra, vive na fé, esperança e caridade (LG 64).

Essa chave da “relacionalidade” é fundamental para situar a devoção mariana no seu lugar. Em primeiro plano estão Jesus, a causa do Reino de Deus e a comunidade dos seus seguidores. Conforme o texto conciliar, Maria é simultaneamente mãe, discípula e companheira de Jesus (LG 61). Com ele convive, ensina e aprende. O título de “companheira” causa certa estranheza para al-

Maria, Jesus e Paulo com as mulheres

Textos, interpretações e história

Ivoni Richter Reimer



Este livro tem Maria, Jesus, Paulo e muitas mulheres como protagonistas de histórias de libertação num contexto marcado por opressões múltiplas. Maria é um referencial de fé e modelo de vida durante toda a história da Igreja. Jesus é o autor da fé, e Paulo, um de seus anunciadores. Ambos têm suas vidas construídas em relações com mulheres. Diálogo, acolhida, cura, compromisso, salvação e fé são expressões do amor que se fez e faz realidade na relação que capacita, fortalece e dinamiza mulheres e homens na construção de culturas de libertação e de paz com justiça.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





guns. Ele indica uma atitude de “estar junto com Jesus e seus seguidores”.

A Maria nos dirigimos e nela nos inspiramos, sem concorrência com Jesus, nosso Mestre, Senhor e Salvador. Nesse lugar especial na comunhão dos santos, o mais perto de Jesus e mais próximo a nós (LG 54), ela nos acompanha e intercede por nós.

Vale recordar algo importante, especialmente àqueles que atuam em contextos urbanos e multirreligiosos. Na perspectiva católica, a prática de dirigir a oração a Maria é legítima e recomendável. Mas não obrigatória. É comum encontrar leigos, religiosos/as e presbíteros que admiram a pessoa de Maria, identificam-se com suas atitudes, mas não sentem a necessidade de rezar a ela. No âmbito devocional, reina grande liberdade e diversidade. Por isso, soa como inadequada e até autoritária a postura dos que apregoam que Maria, na voz de seus videntes, *ordena* praticar diariamente determinadas devoções.

3. Maria no culto cristão: a contribuição de Paulo VI

O papa Paulo VI, na Exortação Apostólica sobre o Culto a Maria (*Marialis Cultus*), de 1974, fornece um quadro teológico-pastoral extraordinário, que foi esquecido nos últimos anos. Vale a pena retomá-lo. Na primeira parte do documento, Paulo VI mostra como a renovação da liturgia, após o Vaticano II, situou Maria no lugar adequado. Várias solenidades, festas e memórias marianas foram realocadas e ressignificadas dentro do ciclo litúrgico (MC 2-13). O critério fundamental residiu em situar Maria “no mistério de Cristo e da Igreja”, como se resume o título do capítulo 8 da *Lumen Gentium*. A reforma pós-conciliar conside-

rou a Virgem Maria com uma perspectiva adequada no mistério de Cristo; e, em sintonia com a tradição, reconheceu-lhe o lugar singular que lhe compete no culto cristão, qual mãe de Deus e enquanto cooperadora do Redentor (MC 15).

Parece-nos que a grande contribuição de Paulo VI, útil para nós hoje, consiste na originalidade da sua abordagem. Antes de

falar sobre o culto a Maria, ele mostra que Maria é figura inspiradora da Igreja no culto a Deus (MC 16-22): Maria é o modelo da Igreja na fé, na caridade e na união com Cristo, as disposições com que a mesma Igreja o invoca e, por meio dele, presta o culto ao Pai (MC 16). Apresentam-se, então, com base nos dados bíblicos, sobretudo do Evangelho de Lucas, quatro ca-

racterísticas básicas de Maria de Nazaré: Virgem que ouve e acolhe a Palavra de Deus com fé, mulher dedicada à oração, mãe de Jesus e pessoa oferente. Ao contemplar a figura de Maria, a Igreja se reconhece nela em atitudes fundamentais:

– *Ouvir e acolher a Palavra de Deus com fé.* Assim faz a Igreja na liturgia: escuta com fé, acolhe, proclama e venera a Palavra de Deus e a distribui como pão da vida. À luz da Palavra, perscruta os sinais dos tempos, interpreta e vive os acontecimentos da história.

– *Cultivar a oração.* A Igreja, a exemplo de Maria, dedica-se à oração. Todos os dias apresenta ao Pai as necessidades de seus filhos, louvando o Senhor e intercedendo pela salvação de todos.

– *Ser mãe.* A Igreja, pelo batismo, gera novos filhos de Deus.

– *Oferente.* A Igreja se oferta a Deus e oferece os dons na eucaristia.

Então, antes de ser objeto de culto, Maria é modelo do culto a Deus, que não se limita ao ambiente da liturgia e da devoção. Inclui toda

“A Maria nos
dirigimos e nela
nos inspiramos,
sem concorrência
com Jesus, nosso
Mestre, Senhor e
Salvador.”



a vida como serviço a Deus. Nesse sentido, Maria nos ensina como cultivar a Deus e fazer o caminho da conversão a Jesus e do seu seguimento. “Maria é a mestra da vida espiritual para cada um dos cristãos. Os cristãos olham para Maria, a fim de que, como ela, façam de sua própria vida um culto a Deus, e do seu culto um compromisso vital” (MC 21).

Várias expressões da *Marialis Cultus* se tornaram conhecidas – sem que o fiel tivesse conhecimento de sua origem – por meio dos cantos da missa “Maria, mãe da Igreja”, de autoria de Fabretti e Navarro. Consoante essa mensagem, assim se diz no canto de ofertório:

Sobe a Jerusalém, Virgem oferente sem igual.

Vai, apresenta ao Pai, teu menino-luz que chegou no Natal [...]

Mãe, vem nos ensinar a fazer da vida uma oblação.

Culto agradável a Deus é fazer a oferta do próprio coração.

Maria é mais do que a santa poderosa e bondosa à qual os fiéis recorrem, sobretudo nas suas necessidades. A raiz do culto a Maria (compreendido no duplo viés de liturgia e devoção) não está na pretensa eficácia das fórmulas e dos ritos, mas na inspiração em suas atitudes básicas.

Paulo VI, porém, não se limita à dimensão ético-performativa do culto mariano. Afirma que a Igreja traduz as múltiplas relações que a unem a Maria em outras tantas atitudes culturais:

– *veneração profunda*, quando reflete que ela, por obra do Espírito Santo, se tornou mãe do Verbo encarnado;

– *amor ardente*, quando considera a maternidade espiritual de Maria para com todos os membros da Igreja;

– *invocação confiante*, quando experimenta sua intercessão, como advogada e auxiliar (LG 62);

A ressurreição do Filho de Deus

N. T. Wright



N. T. Wright vira a mesa da erudição bíblica contemporânea ao demonstrar que os autores do Novo Testamento acreditavam em uma ressurreição corporal literal de Jesus Cristo, e não numa ressurreição meramente “espiritual” inventada posteriormente, e que sua crença é a melhor explicação da evidência disponível, em prejuízo dos dogmas naturalistas da divisão moderna. “A Ressurreição do Filho de Deus” é uma obra que certamente manterá um lugar privilegiado entre os estudos clássicos sobre a história e a identidade de Jesus Cristo.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000

0800-164011

SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





– *serviço amoroso*, quando descobre na humilde serva do Senhor a Rainha da misericórdia e a mãe da graça;

– *imitação operosa*, quando contempla a santidade e as virtudes da “cheia de graça” (Lc 1,28);

– *admiração comovida*, quando vê nela a imagem realizada do que a Igreja deseja e espera;

– *estudo atento* (MC 21).

Paulo VI é mais incisivo do que qualquer documento eclesial posterior, seja do papa João Paulo II, seja do episcopado latino-americano. Segundo ele, as manifestações da piedade mariana aparecem de muitas formas, de acordo com o tempo e o lugar, a sensibilidade dos povos e suas tradições culturais. Como são sujeitas ao desgaste do tempo, necessitam de renovação, para valorizar os elementos perenes e substituir os anacrônicos, incorporando os dados da reflexão teológica e do magistério.

Por isso, deve-se fazer uma *revisão dos exercícios de piedade mariana*, ao mesmo tempo respeitando a sã tradição e estando abertos para receber as legítimas instâncias da humanidade no nosso tempo (MC 24).

Paulo VI aponta três critérios para rever ou recriar exercícios de piedade mariana.

– **Cunho bíblico**: não somente diligente uso de textos e símbolos tirados da Escritura, mas que “as fórmulas de oração e os textos destinados ao canto assumam os termos e a inspiração da Bíblia”. O culto a Maria deve estar permeado pelos grandes temas da mensagem cristã (MC 30).

– **Cunho litúrgico**: as práticas devocionais devem considerar os tempos litúrgicos e encaminhar para a liturgia, como grande celebração da vida, morte e ressurreição de Jesus. Evitem-se os extremos dos que desprezam os exercícios de piedade, criando um vazio, e

dos que misturam exercício piedoso e ato litúrgico em celebrações híbridas (MC 31).

– **Sensibilidade ecumênica**: devido ao seu caráter eclesial, no culto a Maria refletem-se as preocupações da própria Igreja. Entre elas, destaca-se o anseio pela unidade dos cristãos. A piedade mariana torna-se sensível aos apelos do movimento ecumênico e adquire também um caráter ecumênico. Assim, “sejam evitados, com todo o cuidado, quaisquer exageros, que possam induzir em erro os outros irmãos cristãos, acerca da verdadeira doutrina da Igreja católica; e sejam banidas quaisquer manifestações culturais contrárias à correta prática católica” (MC 32).

É notório que as palavras proféticas de Paulo VI caíram no esquecimento. Basta ver como nos últimos anos se retomaram, de forma anacrônica, práticas devocionais que já poderiam ser suprimidas. E se criaram e difundiram outras que estão longe dos critérios propostos: cunho bíblico e litúrgico, sensibilidade ecumênica. Parece que, no que toca à devoção mariana, em vários casos se perdeu a lucidez e a noção de limites.

4. Um olhar latino-americano

A título de ilustração, tomemos algumas conclusões da última conferência dos bispos do nosso continente e um autor latino-americano, pouco conhecido no Brasil. O *Documento de Aparecida*, que reúne as conclusões da 5ª Conferência do Episcopado Latino-Americano e Caribenho, inicia-se evocando a presença da mãe de Jesus na Assembleia. Reconhece, com gratidão: “Maria, mãe de Jesus Cristo e de seus discípulos, tem estado muito perto de nós, tem-nos acolhido, tem cuidado de nós e de nossos trabalhos, amparando-nos na dobra de seu manto, sob sua maternal proteção” (DAP 1). E acompanha

“Paulo VI aponta três critérios para rever ou recriar exercícios de piedade mariana: cunho bíblico, cunho litúrgico e sensibilidade ecumênica.”



uma súplica: “Temos pedido a ela, como mãe, perfeita discípula e pedagoga da evangelização, que nos ensine a ser filhos em seu Filho e a fazer o que Ele nos disser” (idem).

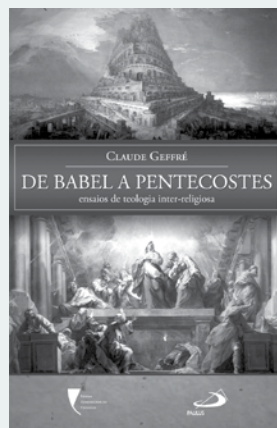
Conforme o *Documento de Aparecida*, a devoção a Maria tem muitas características positivas: “Em nossa cultura latino-americana e caribenha, conhecemos o papel que desempenha a religiosidade popular, especialmente a devoção mariana, contribuindo para nos tornar mais conscientes de nossa comum condição de filhos de Deus e da dignidade perante seus olhos” (DAP 18). A piedade popular, fortemente mariana, deve ser assumida na evangelização, pois ela “penetra a existência pessoal de cada fiel. Nos diferentes momentos da luta cotidiana, muitos recorrem a algum pequeno sinal do amor de Deus”, como o rosário ou uma imagem de Maria. Nesse sentido, “a fé encarnada na cultura pode penetrar cada vez mais nos nossos povos, se valorizarmos positivamente o que o Espírito Santo já semeou ali” (DAP 262).

No entanto, a piedade mariana tem seus limites. Pode ser um ponto de partida, para que a fé amadureça e se faça mais fecunda. Dizem os bispos: “é preciso ser sensível à devoção popular, perceber suas dimensões interiores e seus valores inegáveis” e assumir sua riqueza evangélica. Mas devemos também corrigir os desvios e exageros da devoção. “É necessário evangelizá-la ou purificá-la” (DAP 262). Mais ainda. Não basta repetir as práticas devocionais recebidas do passado. É preciso dar novos passos. Entre outras coisas, o *Documento de Aparecida* sugere: conhecer a vida de Maria e dos santos, para se inspirar no seu jeito de ser e agir. Além disso, intensificar o contato com a Bíblia, a participação na comunidade e o serviço do amor solidário (cf. DAP 262).

O jesuíta Antonio González Dorado, que trabalhou muitos anos no Paraguai, escreveu a obra *Mariología popular latinoamericana*. De

De Babel a Pentecostes Ensaio de teologia inter-religiosa

Claude Geffré



408 págs.

Como indica seu subtítulo, a presente obra quer levar a sério as implicações do mistério do pluralismo religioso, e tenta esboçar o projeto de uma teologia inter-religiosa que reinterprete a singularidade cristã, levando em conta as sementes de verdade de que outras tradições religiosas podem dar testemunho.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





la *Maria conquistadora a la Maria liberadora* (Assunção: Loyola, 1985), na qual valoriza a devoção popular latino-americana tradicional e rural, mostrando suas possibilidades de contribuir para uma prática pastoral libertadora. Segundo ele, a devoção popular latino-americana acentua a figura de Maria mãe. Tal característica está relacionada com a idealização da figura da mãe numa cultura opressora e machista. No contexto patriarcal latino-americano, a mãe é o símbolo do lar, é o regaço amoroso e sofrido. Nela se encontram todas as virtudes “caseiras”: fidelidade, honestidade, economia, ordem, cuidado e atenção. Perante a violência machista, a mãe é a que compreende e perdoa os filhos. Ela é a ajuda permanente nas necessidades ordinárias e também a última solução e esperança nas situações-limite. Cabe à mãe ser também o testemunho da piedade religiosa. No fundo, considera-se a mãe como uma fortaleza resistente maior que o varão (p. 67).

Evidentemente, o fato de identificar a mulher com a mãe, de um lado, traz reduções drásticas para a própria identidade feminina e para as relações de gênero. De outro lado, a mãe é para os oprimidos sua segurança, seu consolo e esperança. Intui-se nela imensa capacidade de ajuda e desencadeamento de energias libertadoras (p. 69).

Haveria três notas características da piedade popular mariana na América Latina: exaltação quase ilimitada de Maria; a mãe de Jesus se humaniza e se aproxima da vida do povo; a devoção se concretiza e se localiza em imagens e espaços determinados (p. 75). Uma leitura positiva dessas características, sem ingenuidade, ajuda a compreender a originalidade da devoção mariana no nosso continente.

A exaltação a Maria, forte e intensa, tem raízes culturais: “a maternidade vivida pelos

filhos num ambiente machista tende à idealização da mãe, para a qual se reserva no coração um lugar extraordinário, a quem se adorna com todas as virtudes ‘caseiras’ e em quem se reconhecem autoridades e poderes quase onipotentes” (p. 75). Por isso se vê Maria tão próxima de Deus, no céu. Esse traço nos leva a sublinhar a figura de Maria glorificada, em detrimento de Maria de Nazaré.

Como então Maria-mãe se torna próxima? Pela identificação com o sofrimento humano, especialmente dos pobres. A maternidade, vivida no contexto patriarcal e dominador, é sofrida e dolorosa. Então, “Maria, na fé do povo, torna-se profundamente humanizada, enraizada na vida e no mundo real, na história concreta, tendo sua própria e particular história de pobreza e de opressão” (p. 78). Por isso, na fé popular, as cenas mais comuns de Maria de Nazaré são Belém e o Calvário. A história de Maria se faz tão extraordinariamente realista, que uma das representações preferidas do povo se realiza na imagem de “Nossa Senhora das Dores” (p. 81).

A estátua ou o quadro de Maria é fundamental na teologia popular latino-americana. Nelas a mãe se faz presente, permitindo relações humanas de proximidade, visualização e contato interpessoal individualizado. Mediante a imagem, a maternidade de Maria se faz “minha”, afetiva e imediatamente (p. 82-83).

Como compreender então o fascínio dos santuários marianos na devoção popular? Eles são a casa da mãe. “A mãe é que tem casa, que é a casa e o lar dos seus filhos, um lugar bem localizado e conhecido. Assim, no caso de Maria, sua casa será um modesto oratório, a Igreja ou o santuário, mas localizada num ambiente com limites bem definidos, no qual habitam seus filhos, e à qual os

“Não basta
repetir as práticas
devocionais
recebidas do
passado. É preciso
dar novos passos.”



filhos recorrem facilmente em momentos de necessidade, de alegria, de comemorações e de festas” (p. 84).

Ao final de sua obra, González Dorado mostra que, apesar de tantos elementos positivos, a devoção tradicional é insuficiente. Ela precisa ser enriquecida com uma visão de Igreja-comunidade, com a leitura libertadora da Bíblia, com práticas sociais transformadoras e a criação de relações de gênero que superem o patriarcalismo.

Conclusões abertas (em tópicos)

– No contexto plural que marca a sociedade contemporânea e a Igreja, há enorme diversidade a respeito da relação dos cristãos com a mãe de Jesus. Nos extremos estão as correntes maximalistas e minimalistas. Para as primeiras, Maria é tão importante, que não há limites para o culto mariano. Pode-se desviar a ponto de perder a centralidade de Jesus, favorecendo práticas devocionais esdrúxulas e pouco saudáveis para a fé cristã. As últimas demonstram certa indiferença em relação à mãe de Jesus, muitas vezes por desconhecer a beleza do perfil bíblico-espiritual de Maria. Não existe uma forma-padrão de equilíbrio. Cada pessoa, grupo, comunidade ou Igreja particular podem estar marcados por diferentes características marianas e manifestar maior ou menor intensidade nas suas expressões culturais. Precisamos aprender a conviver com essas diferenças.

– As manifestações devocionais marianas, como qualquer outra expressão humana, são ambíguas. Apresentam elementos teológicos e espirituais preciosos, por vezes implícitos. E também trazem consigo limitações, traços anacrônicos e riscos reais de desvio. Cabe às distintas lideranças eclesiais (leigos/as, religiosos/as, padres e bispos) analisar o fenômeno e realizar o discernimento, assumindo então posturas pastorais. A ingenuidade ou a omissão poderão trazer sérios problemas no futuro.

– Com exceção de práticas explicitamente

Jesus em nova perspectiva O que os estudos sobre o Jesus histórico deixaram para trás

James D. G. Dunn



James Dunn examina a fundo a tradição de Jesus em sua forma original como tradição oral. O impacto da fé, a natureza da comunicação oral e um foco sobre o Jesus ‘característico’ destacam-se em um contexto em que a fé é por vezes desvalorizada, as críticas da forma e da redação imperam e o Jesus “dissimilar” é tratado como o Jesus autêntico. Esta obra traz o equilíbrio necessário a um estudo de Jesus que normalmente é confuso.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





desequilibradas e insanas (que existem e se espalham com facilidade), no âmbito da devoção é difícil classificar “o certo” e o “errado”. Seria mais eficaz, no espírito de discernimento, perceber o que é mais conveniente e salutar. Para que rezar centenas e centenas de Ave-Marias sem parar se a tradição eclesial propõe o rosário, com a meditação dos mistérios? Por que aderir à entoação seguida e desmedida de dezenas de Salve-Rainhas se no rosário se reza somente uma vez, ao final do “terço”? De um lado, respeitam-se as práticas devocionais. De outro, não devemos ter medo de frear os exageros e questionar os movimentos marianos sectários.

– Há que superar uma visão ingênua e purista a respeito das devoções marianas, como se elas fossem algo puro e intocável. Atualmente, com o advento da sociedade midiática e da cultura urbana, sobraram poucas manifestações marianas autenticamente populares, que nascem e se desenvolvem espontaneamente. Predomina a devoção midiática, que já não é popular, nem em sua origem nem no protagonismo. Suas práticas devocionais são geradas, apoiadas e difundidas por pessoas e grupos organizados, nos quais se incluem padres, leigos, institutos religiosos, novas comunidades e movimentos eclesiais bem determinados. Infe-

lizmente, alguns desses protagonistas da “devoção midiática” têm pouco senso eclesial. Sobrepõem-se às comunidades locais, paróquias e dioceses. Nutrem forte espírito corporativo e megalomania (mania de grandeza).

– A legitimidade da devoção mariana não reside no fato de ser atrativa e reunir multidões nem em constituir uma “isca” para outras práticas devocionais e litúrgicas. Ela se fundamenta na presença especial de Maria na comunhão dos santos, a serviço da única mediação de Cristo. Jesus, único mediador, inclui os santos na sua missão salvífica.

– Já na vida de Jesus de Nazaré, Maria é apresentada nos evangelhos com um perfil rico e diversificado, que deve ser resgatado na devoção: discípula, serve, mãe e companheira de Jesus. Em relação à comunidade cristã, Maria exerce o papel de membro, modelo de vida, irmã, aprendiz, pedagoga, mestra e mãe. Reduzir a figura de Maria à maternidade biológica ou à “mãe do Céu” empobrece seu perfil, como também a própria vivência cristã.

– A devoção mariana, vivida no horizonte da centralidade de Jesus e do Reino de Deus, é legítima e saudável. Deve ser respeitada e estimulada, para que a mãe de Jesus molde nosso coração de discípulos e missionários de Cristo, levando-nos a realizar “tudo o que ele disser”.

“Maria é apresentada nos evangelhos com um perfil rico e diversificado, que deve ser resgatado na devoção.”

Bibliografia

- BEINERT, W. (Org.) *O culto a Maria hoje*. São Paulo: Paulus, 1980.
- CELAM. *Documento de Aparecida*, 2007.
- GONZÁLEZ DORADO, A. *Mariología popular latinoamericana. De la Maria conquistadora a la Maria liberadora*. Assunção: Loyola, 1985.
- PAULO VI. *Marialis Cultus*. São Paulo: Loyola, 1975.
- UMBRASIL (Org.). *Maria no coração da Igreja: múltiplos olhares sobre a mariologia*. São Paulo: Paulinas, 2011.



A linhagem de Maria de Nazaré na Sagrada Escritura

Lina Boff, smr*

A Lumen Gentium faz várias alusões a Maria de Nazaré na linhagem das mulheres do Antigo Testamento e de toda a humanidade. Inspirada nessas ideias, falamos das grandes mães e das grandes matriarcas que a precederam, numa tentativa de encontrar evocações e ressonâncias nas palavras de Maria de Nazaré com essas mulheres que a precederam na sua missão e com as mulheres do Novo Testamento.

* Ir. Lina Boff é professora emérita da Pontifícia Universidade Católica do Rio; professora de Mariologia na Faculdade dos Franciscanos em Petrópolis e professora convidada para bancas de admissão de professores ordinários pelo Antonianum de Roma. Publica em várias revistas, escreve e organiza livros. Publicou pela Paulus, juntamente com outras autoras, o livro *Maria e a Trindade*. E-mail: linaboff@puc-rio.br

Poucas pessoas que estudam a Sagrada Escritura escrevem sobre Maria de Nazaré à luz do Antigo Testamento. Começam sempre pelo Novo Testamento, como que esquecendo a origem primeira dessa santa mulher da qual o Vaticano II, na *Lumen Gentium*, em seu capítulo VIII, faz várias alusões como filha do Antigo Testamento, coroamento apoteótico da mulher que gera filhos e filhas para a fé.

1. Maria na Constituição dogmática da Igreja

A *Lumen Gentium*, por duas vezes, afirma que Maria é sacrário do Espírito Santo, mas ao mesmo tempo está unida, na estirpe de Adão e Eva, com todas as pessoas a serem salvas (cf. LG 53). Não só, mas no número 55 fala das alusões a Maria como mãe do Messias no Antigo Testamento – no qual se descreve a história da salvação em que ocorre a preparação da vinda de Cristo – e na Tradição.



A origem da humanidade, segundo a nossa fé, relaciona-se ao mito adâmico, isto é, ao primeiro casal criado por Deus e colocado no jardim do Éden. Essa citação feita pelo documento, para falar de Maria na história da salvação, tem sua raiz no Antigo Testamento, o qual narra o pecado de orgulho que Adão e Eva cometeram contra Deus, querendo ser iguais a ele. Maria, contrariamente, veio como serva e como a mulher que trouxe o Salvador, o Filho de Deus, para toda a humanidade.

Na parte que fala da Anunciação do Senhor, em que Maria responde seu SIM à interpelação de Deus, aponta-se o exemplo que ela nos dá: Maria, como filha de Adão e Eva, dá seu consentimento à Palavra de Deus e, assim, torna-se mãe de Jesus. Nós também, ouvindo a Palavra de Deus e obedecendo a ela, nos tornamos pessoas seguidoras de Jesus, como fez Maria. Daí por diante, ela se dedicou totalmente à causa de seu filho. Nesse sentido, avançou no caminho da fé e manteve-se unida a Jesus para a salvação de toda a humanidade (cf. LG 56-58).

O pecado de orgulho dos nossos primeiros pais não impediu Maria de dizer seu SIM a Deus sobre o que ele lhe pedia – que fosse a mãe de seu Filho, o Salvador da humanidade toda. Por ter dito SIM ao projeto do Pai, Maria refulge para todos nós como aquela que foi concebida sem pecado, foi preservada, cresceu na santidade e venceu todo o pecado, que tem suas tendências dentro de cada um de nós. Maria, entrando intimamente na história da salvação, leva as pessoas a seu filho, ao seguimento dele e ao próprio destino, que é a participação na vida, paixão, morte e ressurreição de Jesus (cf. LG 65).

Essa é a primeira e mais importante cooperação de Maria na história da salvação, cujo ícone mais claro e evidente é a comuni-

dade de fé reunida em assembleia, a Igreja de Jesus Cristo, Filho de Deus e filho de Maria. A sua cooperação foi livre e inteiramente singular, pela obediência, pela sua fé e pelo amor que nutria pelo projeto divino da salvação, realizado por seu filho, Jesus. Nesse sentido, ela se tornou, para nós, mãe na ordem da graça, porque em toda a história da salvação Maria estava presente com sua cooperação, que continua se estendendo e se estende na milenar missão apostólica da Igreja.

2. As mulheres que precederam a companheira Maria de Nazaré

“O pecado de orgulho dos nossos primeiros pais não impediu Maria de dizer seu SIM a Deus sobre o que ele lhe pedia.”

Cabe reconhecer que todas as filhas de Israel que desempenharam um papel de cuidado amoroso, de guarda atenta e de libertação junto a seu povo tiveram ressonância na Maria histórica do Novo Testamento e apontaram para a missão de Maria de Nazaré, porque ela vem dessa linhagem. Aqui, podem-se citar, em

primeiro lugar, as grandes mães:

Eva, a mãe de todos os viventes, e admirar-se nesta mulher seu papel de esposa e a maternidade inicial da humanidade, segundo a Sagrada Escritura.

Sara, nome que significa a princesa, esposa de Abraão, a mulher que, em idade avançada, contra sua própria falta de fé e esperança, dá descendência ao marido, dando à luz Isaac. O autor da carta aos Hebreus interpreta o nascimento de Isaac como uma recompensa de Deus a Sara, que, mesmo tendo duvidado ao ser avisada do fato, considerou fiel o autor da promessa.

E, finalmente, Agar, a mulher que antecede a Sara na descendência, com seu filho Ismael. O deserto no qual ela se encontra a sós com seu filho vem ligado ao nome de um poço com água. Essa figura aponta para o fato de que Deus

..... 

não cessava de ver seu drama e dele se compadecer, porque esse Deus lhe estava próximo.

3. Ressonâncias e aproximações com as grandes mães

As ressonâncias que se podem verificar e as aproximações que se podem fazer da atuação dessas mulheres citadas acima com a vida cotidiana de mãe e esposa e a missão de Maria de Nazaré encontram-se, a nosso ver, em sementes ainda não brotadas, no expressivo quadro de Maria ao pé da cruz com o discípulo amado e Maria Madalena. Aqui Maria favorece a fé da humanidade inteira e sua maternidade se dilata, vindo a assumir nesse calvário dimensões universais (cf. *Marialis Cultus*, n. 37).

A leitura que fazemos dos textos apresentados nos leva a aproximar a falta de fé demonstrada por Sara à dúvida que Maria apresentou a Deus por meio do Anjo, na Anunciação: “Como pode ser isso, se não tenho relações conjugais?” (Lc 1,34). Sara acabou reconhecendo a fidelidade de Deus na sua promessa e por fim acreditou. Maria dá seu consentimento não para solucionar um problema contingente, mas para a obra dos séculos.

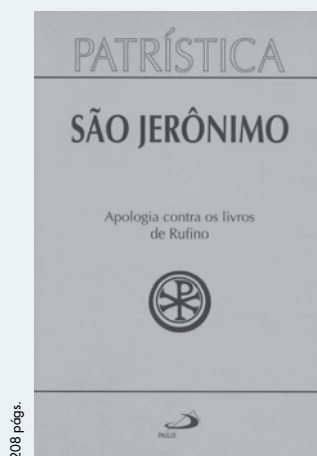
Pode-se buscar forte correspondência entre a vida da egípciana Agar, a sós com seu filho Ismael, no deserto, e os momentos e situações de solidão e de penumbra vividos por Maria em meio à sua parentela, ao acompanhar o filho que pregava nas casas e se recusava a responder, diretamente, aos seus e à sua mãe, quando estes queriam falar-lhe. Diante da recusa do filho, Maria aderiu à vontade de Deus mesmo quando pouco ou nada compreendia.

4. Ressonâncias e aproximações com as grandes matriarcas

No contexto em que interpretamos a atuação das matriarcas do Antigo Testamento, verificam-se fortes ressonâncias e são feitas belas aproximações das súplicas, cânticos e

Patrística - Vol 31 Apologia contra os livros de Rufino

São Jerônimo



São Jerônimo, personagem eclesiástico eminente pela vida virtuosa e pela tradução da Bíblia para o latim, é uma figura severa, arcaica, pitoresca, ao mesmo tempo em que é um homem santo e asceta cheio de paixão humana, de saber e de prestígio. Esta obra faz parte de um prolongado conflito entre Jerônimo e Rufino. É a resposta de Jerônimo a uma apologia agressiva de Rufino sobre sua pessoa. A presente obra caracteriza-se como luta contra o estigma de heresia de que era acusado. Uma apresentação do ser humano buscando a verdade da fé no furor de um debate com total engajamento.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





clamores dessas mulheres em favor de seu povo. Tais ressonâncias as encontramos nos lábios de Maria, sobretudo no cântico do Magnificat, com o qual ela rende sua ação de graças a Deus pelas maravilhas feitas a seu povo. Não só, mas podemos encontrar essas aproximações e ressonâncias também em outros momentos, vividos pela Maria histórica de Nazaré durante sua peregrinação terrena.

Maria, a irmã de Aarão

Começemos por Maria, a profetisa, irmã de Aarão. Tomou na mão seu tamborim, e todas as mulheres a seguiram com tamborins, formando coros de dança. E Maria lhes entoava: “Cantai ao Senhor, pois de glória se vestiu” (cf. Ex 15,20s). E desse jeito foi arrastando atrás de si todas as mulheres, para render graças pela graciosa passagem de seu povo pelo mar Vermelho, sem nada lhes acontecer. O cântico entoado por essa profetisa antecipa a irrupção das mulheres que tiveram contato e vivência com o Messias, o qual pregava o Reino incluindo a todos nessa sua pregação, não só os órfãos, as viúvas e os estrangeiros, mas também as mulheres que não pertenciam à aliança.

Maria, irmã de Aarão, evoca uma Maria histórica determinada, com personalidade própria, como encontramos em Lucas: Maria de Nazaré. Por quatro vezes Maria fala com sua autoridade de mãe. Na Anunciação, quando reage com uma pergunta de dúvida ao Anjo, que lhe dá a notícia de sua maternidade messiânica. A seguir, depois da tensão vivida, totalmente acolhedora: “Eis aqui a serva do Senhor” (Lc 1,38). Na perda de Jesus de volta para casa, depois de celebrar a Páscoa em Jerusalém, mobiliza as mulheres e seus maridos, com quem voltava, para procurar seu filho. Ao encontrá-lo, não lhe poupa a chamada de atenção de que não devia fazer aquilo sem avisar seus pais. Ainda que tenha recebido uma resposta que não entendeu, prosseguiu na sua

caminhada. E finalmente, sua palavra de orientação aos serventes nas bodas de Caná: “Fazei tudo o que ele vos disser” (Jo 2,5).

A irmã de Aarão mostra determinação e criatividade ao tomar a dianteira e arrastar atrás de si todas as mulheres que aí se encontravam depois da passagem do mar Vermelho. Essas mulheres não se contentam apenas com o canto de Moisés e dos israelitas, mas querem fazer ouvir também sua voz de ação de graças. Nada sabemos se o canto de Maria, irmã de Aarão, que dançava e cantava com as outras mulheres, se reduziu a um estribilho ou se foi longo como o canto de Moisés com os israelitas.

**“Tais ressonâncias
as encontramos nos
lábios de Maria,
sobretudo no cântico
do Magnificat.”**

Rute, a mulher estrangeira

Essa também foi uma mulher ousada. Rute era uma estrangeira que se casou com Booz para preservar a descendência davídica, contrariando a própria lei de seu tempo. A sua coragem vai além da lei prescrita daquele tempo, porque toma consciência da situação de seu povo, que clama por um Libertador que venha da descendência davídica. Não duvida, mas insiste. E, na sua insistência, consegue aquilo que quer para o bem de seu povo.

Como tal episódio ressoa na vida de Maria de Nazaré? Acreditamos que todos os momentos vividos por ela no Novo Testamento evocam alguma coisa que nos remete à história de Rute. Mas um deles nos parece mais importante: o texto da genealogia, em que damos de encontro com uma interrupção que traz a descendência matriarcal à frente da patriarcal, em desacordo com as prescrições da Lei. A citação é clara: Jacó gerou José, esposo de Maria, da qual nasceu Jesus (cf. Mt 1). Cristo vem à margem de todo um povo que foi escolhido por Javé para ser sua herança.

Maria encontra-se fora da estrutura da aliança, mas é por ela que o Cristo salvador vem para toda a humanidade. A mulher, naquele tempo, era vista só como a procriadora de filhos

e filhas e tinha como visibilidade o ventre crescido; a partir de então, Maria inverte o andamento das coisas e das leis criadas e ditadas pelos patriarcas. A matriarca trouxe o Salvador, e não o patriarca. Isso mostra que Maria, longe de ser uma mulher passiva diante da própria lei, não duvidou em afirmar que o amor do Senhor se estende sobre aqueles que o temem.

Ana, mãe de Samuel

Ana, mulher de Elcana, era faminta por descendência. Na sua vida estéril, concebe e dá à luz seu filho Samuel, o profeta de Javé que salva seu povo ao chamado do Senhor. O evangelista Lucas se inspira na oração de Ana e faz sua adaptação para o Magnificat de Maria. Começamos por escrever os versos e as expressões que mais se aproximam do Magnificat. Vejamos como Ana faz sua oração diante do altar do Senhor no Templo:

O meu coração exulta em Javé, [...] a minha boca se escancara contra meus inimigos, porque me alegro em tua salvação. Não há Santo como Javé e Rocha alguma existe como o nosso Deus. Não multipliqueis palavras altivas, nem brote dos vossos lábios a arrogância [...] O arco dos poderosos é quebrado, os debilitados se cingem de força. Os que viviam na fartura se empregam por comida, os que tinham fome não precisam trabalhar [...] É Javé quem empobrece e enriquece, quem humilha e quem exalta. Levanta do pó o fraco e do monturo o indigente, para os fazer assentar-se com os nobres e colocá-los num lugar de honra [...] Ele guarda o passo dos que lhe são fiéis, mas os ímpios desaparecem nas trevas, porque não é pela força que o homem triunfa.

Às nossas leitoras e leitores deixamos que encontrem a evocação do Magnificat de Maria nessa oração suplicante de Ana. Essa foi a inspiração do nosso evangelista Lucas ao

colocar nos lábios de Maria o cântico tão conhecido de nós todos. O evangelista faz suas belas adaptações dessa oração de Ana, que chorava sua esterilidade e que foi ouvida pelo Senhor. Com suas belas ressonâncias e livres aproximações, o cântico de Maria é considerado como a continuidade da presença do Senhor na missão de cada mulher do Antigo Testamento, missão que irrompeu com a vinda de Jesus no meio de seu povo pelo mistério da Encarnação, em que Maria de Nazaré teve sua participação importante e visível.

A rainha Ester

Outra vez damos de frente com a fidelidade do amor de Deus em favor dos filhos e filhas de Israel por meio de mulheres que, desde o Antigo Testamento, foram atentas às suas intuições de verdadeiras mães do povo e obedientes às situações criadas, em meio às quais o Deus da história se revelava. Todas elas, por meio de orações, súplicas e cânticos, puseram em risco a própria vida para salvar o povo dos litígios e buscas do poder pelo poder, que contrariavam o bem comum.

Esse amor ao povo manifesta-se na atitude corajosa de Ester, com a qual aqui nos deparamos: a mulher que salva a nação graças à sua intervenção, pois era uma jovem compatriota do povo judeu que havia se tornado rainha e era orientada por seu tio Mardoqueu. Este também faz sua oração de pedido em favor do povo, seguindo-se a súplica de Ester, que obtém do rei a carta de reabilitação dos judeus, prestes a serem exterminados.

Para conseguir seu intento em favor do povo, a rainha Ester abandona suas vestes suntuosas, veste-se com roupas de aflição e luto, humilha-se e cobre o corpo com os longos cabelos com que costumava adornar-se para aparecer em público com a fronte cingida pela coroa real. Em tal atitude, nestes termos suplica ao Senhor Deus de Israel:

A nós e a meu povo, salva-nos, Senhor, com tua mão poderosa, vem em



nosso auxílio, pois estamos sós e nada temos fora de ti, Senhor! [...] Tu sabes o perigo por que passamos, e eu tenho horror das insígnias de minha grandeza, que me cingem a fronte quando apareço em público. [...] Tua serva não comeu à mesa dos reis inimigos do meu povo, nem apreciou os festins reais, nem bebeu o vinho das libações. Tua serva não se alegrou desde que esta situação de perigo se estabeleceu no meio de meu povo, a não ser em ti, Senhor, Deus de Abraão!

E a rainha Ester apresentou-se ao rei. Este se agradou de sua beleza e nobres sentimentos e concedeu ao povo judeu a liberdade que todos suplicavam. Ester apresenta-se ao Senhor como sua serva, e não como rainha de seu povo. Apresenta-se confiada somente na força do Senhor de Abraão e de seus filhos e filhas para sempre, como prometera a nossos pais.

O cântico de Maria evoca outra vez, a nosso ver, a coragem de Ester no que se refere à sua intercessão contra a dominação das nações vizinhas que escravizavam o povo hebreu, o qual era vendido por seus reis como mercadoria a outros povos para pagamento de suas dívidas externas. Eram realezas inteiras e reis que comandavam essa guerra de poder contra o povo, afastando-o sempre mais da descendência a partir da qual Israel punha sua esperança na vinda do verdadeiro Libertador.

Deve-se enfatizar que era essa a consciência que permanecia viva em todo Israel. Quando Maria de Nazaré abre a boca para render graças pela libertação de Israel, inclui a celebração desses fatos todos a fim de refrescar a memória de um povo sofrido e jogado à própria sorte pelos poderosos e pela força de seus tronos ambiciosos.

A juíza Débora

A palavra Débora quer dizer abelha, inseto que visita todas as flores que pode para construir seu favo de mel. O simbolismo que traz em seu nome é muito rico: a abelha é organizada, laboriosa e infatigável. Não se submete porque tem asas e canto. Sublima o seu trabalho em mel imortal o frágil perfume das flores. É o quanto basta para conferir elevado alcance espiritual daquilo que representa o mel, fruto de seu labor incessante, paralelamente ao simbolismo temporal. Operárias da colmeia asseguram a perenidade da espécie. “Imitai a prudência das abelhas”, recomenda Teolepto de Filadélfia, citando-as como exemplo na vida espiritual das comunidades monásticas.

Cabe sublinhar que, por causa de seu mel e de seu ferrão, a abelha é considerada o emblema de Cristo: por um lado, sua doçura e sua misericórdia e, por outro, o exercício de sua justiça na qualidade de Cristo-juiz (cf. *Dicionário de símbolos*, Ed. José Olympio, p. 3-4).

Retornando à juíza Débora, deve-se reconhecer ainda que esta acompanhava de perto as intrigas e as brigas dos israelitas e, por isso, é conhecida como a juíza atuante que regula a conduta de seu povo. Muita gente ia consultá-la para pedir-lhe orientação sobre a questão que pesava sobre o povo de Israel oprimido pelo rei dos cananeus. Quando Débora conseguiu a libertação de Israel, junto com Barac, que trabalhou com ela para esse fim, entoaram um cântico de louvor e de ação de graças por essa conquista. É considerada também, no próprio cântico, “mãe em Israel” (cf. Jz 5). Como esse fato histórico ressoa no Magnificat de Maria de Nazaré e nas bodas de Caná?

Em sua experiência de comunidade, Lucas inspira-se em sua fonte própria, que é o Antigo Testamento, e faz de Maria de Nazaré

**“A sua coragem
vai além da lei
prescrita daquele
tempo, porque toma
consciência da
situação de seu povo,
que clama por um
Libertador que venha
da descendência
davídica.”**

a mulher profética e revolucionária da história da salvação com o cântico do Magnificat. Entoa sua ação de graças pela chegada do Filho de Deus, o Salvador de toda a humanidade. É claro que o contexto sempre é outro, mas a essência da Tradição revelada por Deus a seu povo permanece em nossos dias.

Evoca também a intervenção de Maria nas bodas de Caná (cf. Jo 2,1-10). Após ter falado com seu filho, Maria de Nazaré dirige-se aos serventes, para dizer-lhes que fizessem o que Jesus lhes ordenasse. A teologia feita na perspectiva da mariologia avança no sentido de pensar que Maria não foi a única mulher que percebeu a falta de vinho. Mas quem se sensibilizou com o fato foi a mãe de Jesus, ainda que tenha sido apoiada e até mesmo alertada pelas mulheres presentes. Trata-se não de regular um litígio, mas de evitar uma vergonha para os noivos. Maria intervém como aquela que reconquista a alegria da festa dos nubentes.

Pode-se explicar esse fato quando chegamos a alargar nossa interpretação do início desta perícopa: “Houve um casamento em Caná da Galileia e a mãe de Jesus estava lá”. Ela se antecipou ao filho, provavelmente com outras suas comadres e amigas que iam para ajudar na preparação da festa daquele casamento.

A nosso ver, parece bastante manifesta a liderança de Maria no desenrolar dos acontecimentos em tal evento. Teria sido também alertada por suas companheiras que a acompanhavam nessa preparação festiva e consultada sobre o que fazer diante da situação de tensão que se havia criado.

Podemos também encontrar belas ressonâncias e efetuar belas aproximações do cântico de Maria de Nazaré com a atuação das grandes mães quando Maria reconhece que o Deus todo-poderoso fez nela grandes coisas, entrando assim para a história de seu povo que vive a expectativa do Messias. Maria prossegue proclamando que Deus exalta os humildes, pois era uma humilhação a esterilidade materna de Sara; e, finalmente, a deserdada e esquecida Agar, com seu

Ajudai a minha descrença

William J. O'Malley



Nossa sociedade desafia os que creem com uma nova forma de ateísmo – uma forma muito mais sutil do que a antiga, que simplesmente negava a presença de Deus. Os que creem precisam de uma apologética para enfrentar esse ateísmo. Padre O'Malley, professor e mestre, oferece tudo isto neste livro, que em oito capítulos fala sobre a necessidade de certeza, a virtude da dúvida, Igreja, ciência e demais temas que rondam o assunto. Ao final, uma completa bibliografia selecionada apresenta as fontes que aprimoraram a obra.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





filho, merece, no cântico do Magnificat, a acolhida de Israel, porque Deus é fiel ao amor que prometeu às pessoas expulsas e esquecidas, dando-lhes descendência.

Maria de Nazaré denuncia em alta voz, no chamado núcleo duro do Magnificat: derrubou poderosos de seus tronos para salvar seu povo; Deus manifestou o poder de seu braço para dispersar não só os soberbos, mas também os poderosos de coração duro, despedindo-os da vida sem os bens que haviam acumulado com sua corrupção contra um povo indefeso e oprimido.

5. Como Maria se aproxima das mulheres do Novo Testamento

Encontramos Maria na mesma condição de todas as mulheres da desconhecida Nazaré, que fazem o trabalho de casa e atendem a tudo aquilo que se refere à vida cotidiana. O livro publicado pelo frei Clodovis Boff que traz o título *O cotidiano de Maria de Nazaré*, escrito em linguagem narrativa e muito bem fundamentado, descreve alguns trabalhos realizados por Maria e algum tipo de presença dela junto às mulheres de seu tempo. Assim relata esse autor:

Maria é a primeira a despertar pela manhã. Desperta e se apronta. Aqui temos sua presença de mãe de família que sempre se antecipa ao filho e ao pai. Em seguida põe a casa em ordem. Tudo deve estar em seu lugar antes de tomar a primeira refeição do dia. Quem serve é ela. Acompanha a oração da manhã que o pai e o filho fazem, voltados para a direção do Templo de Jerusalém.

Maria vai apanhar água na fonte e lá se encontra com suas conhecidas, comadres e

amigas. É o momento de se trocarem as notícias que correm pela pequena Nazaré, sobre todas as coisas e novidades que a elas interessam. Depois desse belo encontro, cada uma toma seu cântaro e volta ao trabalho. Prepara o pão de cada dia e troca experiências com as amigas e comadres mais próximas dela, sobre como o pão cresceu e ficou apetitoso para a família toda, ou se não deu lá tão certo desta vez.

“Maria de Nazaré denuncia em alta voz, no chamado núcleo duro do Magnificat: derrubou poderosos de seus tronos para salvar seu povo.”

Cuida do filho que até os cinco anos fica junto à mãe, sob seus cuidados diretos, e ele “cresce em sabedoria, estatura e graça”. Maria não trabalha só em casa, mas ajuda o marido no campo e na sua oficina de carpinteiro. Os hebreus têm apreço pelo trabalho manual. Havia um dito entre os rabinos que dizia o seguinte: “Um trabalhador ocupado em sua tarefa não precisa se levantar diante de um doutor, por maior que seja”. Paulo, por exemplo, era fabricante de tendas (cf. At 18,3).

Maria trabalhava também em casa: fiava, tecia e lavava roupa, servia a ceia e preparava o repouso da noite. Como não pensar que, quando ia à sinagoga, encontrava-se com as outras mulheres mais próximas e também as que poucas vezes via durante o ano! Quando subia a Jerusalém para celebrar a festa da Páscoa, preparava-se com a melhor roupa e fazia um penteado muito bonito. Era um momento de encontro e de celebração que se dava só uma vez por ano. Por isso também era bastante curtido e aproveitado.

Já falamos de Maria nas bodas de Caná. Lá estava ela, com as outras mulheres, no meio da festa e toda feliz! Como teria ficado solidária à viúva de Naim, cujo filho Jesus fez reviver outra

vez! Ela não estava presente só nas horas alegres, como no casamento, mas também num enterro, quando as pessoas choravam seus falecidos, como foi o caso do filho da viúva de Naim.

Maria não só vai a um casamento e a um enterro, mas também a um nascimento. Lembremos aqui sua visita a Isabel, à casa da qual se dirigiu às pressas para ajudá-la no trabalho de parto de João Batista, que se tornou o precursor de Jesus! E, finalmente, está presente no nascimento da Igreja, no cenáculo, esperando a vinda do Espírito Santo. A aproximação de Maria não é só com as mulheres, mas também com os homens, os apóstolos, escolhidos por Jesus para continuarem a pregação do Reino. Foi acolhida pelo discípulo amado, que, com certeza, não a deixou sozinha, mas na sua companhia, e com todo o carinho e amor estava pronto a atendê-la sempre que precisasse.

Por tudo isso, e por mais do que isso, Maria é inspiração para todas nós, mulheres que servimos dentro e fora de casa, na Igreja e fora dela, nas pequenas comunidades de fé.

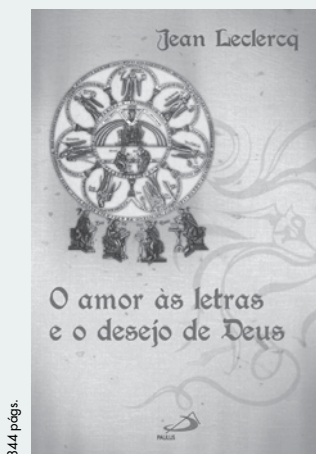
6. Tentativa de explicar a linhagem da fé vivida por Maria de Nazaré

Em primeiro lugar, reconhecemos que a teologia feita na perspectiva de Maria de Nazaré e de sua missão na história da salvação consiste num esforço de não separar a mãe do Salvador das demais mulheres que a precederam nessa missão, de acordo com a interpretação dada a tais fatos após a ressurreição de Jesus, o Cristo da fé.

O tipo de linhagem genealógica de Maria de Nazaré é da árvore davídica messiânica. O povo não esperava que o Messias viesse por meio de uma humilde mulher do interior da Galileia. O esforço que fizemos para chegar a fundamentar as evocações, as ressonâncias e as aproximações das mulheres do Antigo Testamento com as do Novo Testamento, sobretudo com as atitudes e comportamentos da

O amor às letras e o desejo de Deus

Jean Leclercq



Este é um livro de iniciação aos autores monásticos da Idade Média dirigido a estudantes. Publicado pela primeira vez em 1957, impôs-se como um clássico não só pela solidez das informações e acuidade das percepções, mas também pela autenticidade da atitude intelectual que traduz: rigor científico e interesse por um saber aberto sobre as questões essenciais da existência humana. Dividida em três partes, a obra é composta por uma série de lições dadas a jovens monges do Instituto de Estudos Monásticos do mosteiro de Santo Anselmo, em Roma, durante o inverno de 1956-1957.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





mulher de Nazaré, é apenas uma tentativa de explicar a diferença existente entre a Maria da história, que só encontramos no Novo Testamento, e a Maria da fé, construída pela experiência do povo de todos os continentes de tradição cristã e católica.

Queremos justificar por que quisemos iniciar este nosso artigo com a Constituição *Lumen Gentium*, que fala da Igreja em seu oitavo e último capítulo como coroamento da caminhada terrena do povo. Foram as alusões que esta faz a Maria de Nazaré como filha do Antigo Testamento e à mesma origem de toda a humanidade que nos inspiraram e

nos ajudaram a encontrar ressonâncias, aproximações e evocações da presença de Maria, em germe, na contribuição dada pelas grandes mães e pelas grandes matriarcas que lutaram em favor de seu povo.

Maria, ao tomar consciência, ainda que de maneira apenas entrevista, de seu lugar e missão na história da salvação, traz para a realidade de seu tempo tudo o que pôde entrever de sua ânsia e de sua espera a respeito da imagem escatológica da Igreja e de toda a humanidade. Essa mesma foi a ânsia e a esperança das mulheres das quais falamos ao longo desta reflexão mariológica centrada em Cristo. ●

Bibliografia

- BÍBLIA APÓCRIFA. *Morte e assunção de Maria. Trânsito de Maria. Livro do descanso. A história do nascimento de Maria. Protoevangelho de Tiago*. Petrópolis: Vozes, 1991.
- BOFF, Clodovis. *Mariologia social: o significado da Virgem para os dias de hoje*. São Paulo: Paulus, 2010.
- _____. *O cotidiano de Maria de Nazaré*. São Paulo: Salesiana, 2003.
- BOFF, Lina. A misericórdia divina em Maria de Nazaré. *Convergência*, n. 276, out. 1994.
- _____. Maria, a mulher inserida no mistério de Cristo. *Atualidade Teológica*, n. 3, p. 25-40, jul.-dez. 1998.
- _____. O advento e a pessoa de Maria. *Convergência*, n. 327, jan. 1999.
- _____. Maria e os pobres de Javé. *Convergência*, n. 310, p. 107-115, 1998.
- _____. *Maria na vida do povo: ensaio de mariologia na ótica latino-americana e caribenha*. São Paulo: Paulus, 2001.
- _____. *Mariologia: interpelações para a vida e para a fé*. Petrópolis: Vozes, 2010.
- _____; BUCKER, Bárbara; AVELAR, Maria Carmem. *Maria e a Trindade: implicações pastorais – caminhos pedagógicos – vivência da espiritualidade*. São Paulo: Paulus, 2002.
- BOFF, Leonardo. *A Ave-Maria: o feminino e o Espírito Santo*. Petrópolis: Vozes, 1980.
- _____. *O rosto materno de Deus: ensaio interdisciplinar sobre o feminino e suas formas religiosas*. Petrópolis: Vozes, 1979.
- FORTE, Bruno. *Maria, a mulher ícone do mistério: ensaio de mariologia simbólico-narrativa*. São Paulo: Paulus, 1991.
- GEBARA, Ivone; BINGEMER, Maria Clara. *Maria, mãe de Deus e mãe dos pobres: um ensaio a partir da mulher e da América Latina*. Petrópolis: Vozes, 1987.
- JOÃO PAULO II. *Redemptoris Mater* (A mãe do Redentor). São Paulo: Paulinas, 1989.
- PAULO VI. *Marialis Cultus: o culto à bem-aventurada Virgem Maria*. São Paulo: Paulinas, 1974.
- PINKUS, Lucio. *O mito de Maria: uma abordagem simbólica*. São Paulo: Paulus, 1991.
- VV.AA. Maria nas Igrejas: perspectivas de uma mariologia ecumênica. *Concilium*, n. 188, 1983.
- _____. Maria y la mujer. *Vida Religiosa*, n. 64, maio 1988.



Aprender de Maria: teimosia na luta contra o sistema de morte de Belém e dos sistemas de hoje

Celia Soares de Sousa*

A cidade de Belém era o retrato do lugar esquecido pelas autoridades políticas e religiosas. Mas não foi esquecida por Deus, que ali encontrou Maria, disposta a abraçar seu projeto ousado de envio do Messias que inverte as prioridades: tendo os pobres como preferidos para serem libertados de todos os males, sobretudo daqueles propositalmente formulados pelas estruturas injustas, o que Maria expressa em seu cântico.

1. Aprender de Maria: a valorização da vida

As mulheres grávidas, em geral, passam meses se preparando para a chegada de um filho; muitas pessoas ficam dias, meses e até anos nos leitos de hospitais ou em casa, lutando pela vida e pela saúde. Sabemos que um terço da humanidade passa fome, e é alto o índice de jovens que morrem em acidentes de carros ou vítimas da violência nas grandes cidades. Também Maria, a mãe de Jesus, passou por vicissitudes. Acontecimentos inesperados fizeram que ela buscasse defender a vida do menino Jesus. César Augusto decretou um censo (cf. Lc 2,1) exigindo que todos se registrassem em sua cidade natal. Por isso, José e Maria, grávida, tiveram de viajar cerca de 150 quilômetros. Em Belém, não havia lugar para hospedagem, e Maria deu à luz num estábulo. Não deve ter sido fácil para eles. Mas, com o coração confiante, Maria viveu essa situação que era apenas o come-

* Mestre em Teologia Sistemática pela PUC-SP, atua como professora na Formação Teológica PUC-Cogea e Ipiranga/SP e na Escola de Ministérios Padre Fernando de Brito – Diocese de Guarulhos-SP. E-mail: celiasoaresjp@ig.com.br



ço de uma vida de doação, de entrega e de aprendizado.

Os evangelhos nos mostram que Maria e José eram pobres. Ao fazerem a apresentação de Jesus no Templo, quarenta dias depois de Maria dar à luz, para cumprirem a Lei, apresentaram um par de rolas (cf. Lc 2,22-24), sacrifício oferecido pelas pessoas mais pobres de então. Outra vicissitude, a necessidade de sair da própria casa e fugir para o Egito a fim de proteger a vida do Menino, é relatada no Evangelho de Mateus (cf. 2,13-15).

A teimosia da família de Nazaré na defesa da vida deve ser luz ainda hoje para as diversas situações de descaso com a vida humana que preenchem os noticiários, desde a prática do aborto e o abandono de recém-nascidos em latas de lixo, lagoas e praças públicas até a indecente falta de atendimento médico adequado, de educação e de moradia de qualidade, especialmente para os pobres.

O projeto de Deus, de vida em abundância para todos, revelado por Jesus, precisa ser cuidado. É a vida que vence a morte! Cada pessoa é chamada a olhar ao redor, perceber e dar sua contribuição para eliminar os sinais de morte. Maria continua hoje sendo exemplo. Por isso queremos aprender com ela a responder “sim” e a manter a fidelidade ao Deus da vida e da verdadeira libertação.

2. Aprender de Maria a fidelidade ao chamado

Em Nazaré da Galileia, Deus encontrou graça em uma jovem de nome Maria (cf. Lc 1,28). Bela e formosa, simples e humilde, encontra em Deus a graça por alimentar fidelidade e amor ao Deus da promessa. A sua participação nas festas (cf. Jo 2,1-10), na comunidade (cf. At 14) e no sofrimento (cf. Jo 19,26) aponta para uma inversão da

lógica social do seu tempo. Ela vem “sintetizar” (MC 37¹) as mulheres profetisas do Antigo Testamento, cuja única honra era educar os filhos para a Lei. No Evangelho de Lucas, Maria aparece a partir do anúncio. Fala-se de uma virgem que irá receber a visita do Anjo para ser mãe do Messias. Maria tem de compreender o sentido teológico da maternidade. Essa explicação realiza-se a partir de um diálogo entre Maria e o Anjo, deixando evidente a resposta – o *fiat*.

O sim de Maria marca a história de várias gerações, porque nele se concretiza a promessa da salvação que Deus fizera a Abraão e ao povo da aliança. A aliança no Antigo Testamento é a forma com a qual o povo hebreu (posteriormente Israel) aceitou o único Deus libertador. Deus se apresentou como aquele que jamais iria abandonar os que escolhessem caminhar com ele. Para isso, enviou homens e mulheres para exortar o povo a não mudar de caminho, de escolhas e de Deus. O Deus Pai em quem professamos a nossa fé pediu ao povo fidelidade para firmar a aliança (“Eu serei o seu Deus e vocês serão o meu povo”) e o cumprimento das dez palavras (cf. Ex 20,1ss). Maria faz parte desse povo fiel; aliás, os profetas Jeremias e Sofonias classificam os últimos que não desanimaram do caminho de Deus como “o resto de Israel” (Sf 3,13).

Sabemos muito pouco da infância de Maria. A comunidade lucana relata que “Maria encontrou graça diante de Deus”. Isso deixa transparecer que, por ser toda de Deus, não receia em aceitar a novidade e a criatividade do projeto de Deus, realizado por meio de uma “mulher” (cf. Gl 4,4). Ao oferecer o corpo e a vida para realizar o plano da salvação, Maria tinha consciência de que vivia em uma sociedade com muitos conflitos religiosos e sociais, uma sociedade

¹ O n. 37 da *Marialis Cultus* sustenta a ideia de Maria “mulher de síntese”, pelo fato de conjugar os vários aspectos da obra de libertação.



em que a mulher era discriminada (cf. Mt 14,21). Mas ela carregava em si a esperança do povo alimentada pelas profecias, a esperança de que, um dia, haveria de nascer o libertador, o Messias.

Santo Agostinho afirmou que Maria é “colaboradora de Deus para a realização do projeto de salvação”. Comprometida, oferece-se livremente para colaborar no plano divino de salvação e prorrompe em louvor pela obra salvadora de Deus, sentindo-se ela mesma discípula e serva de seu Senhor. Ela é a primeira mulher que acolhe o evangelho e o comunica a seus irmãos. Na visita a Isabel (cf. Lc 1,36), percebemos o esforço e a alegria de Maria de se pôr em marcha (cf. Gn 18,20) ao sentir a ação de Deus. Ela manifesta a alegria de quem faz da sua vida serviço ao Reino de Deus, no cuidado, na visita e no acolhimento. Alvarez comenta que “a visita de Maria a Isabel significa o encontro do novo com o velho; o velho é o antigo povo judeu, fiel às tradições de Moisés; e o novo é o que está em Maria, o que está sendo gestado em seu seio” (ÁLVAREZ, 2007).

3. Maria, educadora da fé e pedagoga do Evangelho

Em um de seus *Sermões*, santo Agostinho destaca que Maria fez plenamente a vontade do Pai e, por isso, é mais importante para ela ter sido discípula de Cristo do que mãe de Cristo (santo Agostinho, *Sermões*, 5,7). Sua participação na comunidade do seu tempo, conforme narrado em At 1,14, aponta para uma atitude ativa. Desde o primeiro capítulo dos Atos, Lucas polariza a atenção sobre o tema do “testemunho” que se devia dar. Nesse contexto, a presença de Maria também tem finalidade perfeitamente compreensível – os destinatários do dom do Espírito no Pentecostes: “todos” os que estão reunidos no dia de Pentecostes e também Maria, a mãe de Jesus. Por isso, aqueles

que formavam parte da Igreja de Jerusalém (os apóstolos, as mulheres, Maria e os irmãos de Jesus), depois de “todos” serem plenificados pelo Espírito (cf. At 2,1.4a), tornaram-se idôneos a prestar testemunho do Senhor Jesus, cada qual segundo a própria condição.

A partir daquele dia, Maria ficou plenamente iluminada pelo Espírito a respeito de tudo o que Jesus fizera e dissera. Então, é razoável pensar que, a partir daquele momento, ela tenha começado a derramar sobre a Igreja os tesouros que até então conservava encerrados na arca de suas meditações sapienciais. E assim também a Virgem se tornava testemunha das coisas vistas e ouvidas (cf. Lc 1,2).

Maria dá testemunho do nascimento de Jesus, dos passos de sua infância. Esse testemunho vivo daquela que o gerou colabora na acolhida dele em sua humanidade por parte da Igreja. Dentro da Igreja, Maria é uma parte de Jesus. Há algo que nem os apóstolos, nem as mulheres, nem os irmãos poderiam testemunhar: cabe a Maria entregar ao mistério da Igreja essa palavra única e insubstituível. E por isso ela aparece em At 1,14.

Também hoje, Maria é presença constante na família e na vida de cada pessoa que se abre ao amor e à generosidade para com Deus, no Filho, como especial educadora da fé e do discipulado: “Maria educa pela presença solícita, ativa, atenta, estimuladora. Maria educa pela amizade, pela convivência e, portanto, pelo amor que se doa. Maria educa pela exemplaridade de vida, pelo testemunho de sua fidelidade ativa e incondicional à soberania do Pai e ao projeto evangelizador de seu Filho Jesus, pela união íntima com a Trindade” (BUCKER; BOFF; AVELAR, 2002).

Cada pessoa é chamada a defender os valores da vida, por isso o convite para “permanecer na escola de Maria” (Dap 270). José e Maria ensinaram a Jesus todos



os dias: “Existe um único Deus [...] Tu dirás isto todos os dias” (Dt 6,4ss). Maria havia ensinado Jesus a buscar as coisas do Pai e a cuidar delas; portanto, não era de estranhar que ele se ocupasse dessas coisas (cf. Lc 2,49). O menino Jesus, perdido e buscado com aflição, encontraram-no com os doutores da lei no Templo, ocupado nas coisas de seu Pai; e não compreenderam o que lhes disse. Mas sua mãe conservava todas essas coisas no coração e nelas meditava (cf. Lc 2,41-51; LG 57).

Maria “precisa, cada vez mais, ser a pedagoga do evangelho na América Latina” (Dap 282). Ela nos ensina a olhar os mais fracos porque ela mesma experimentou de perto “a pobreza e o sofrimento, a fuga e o exílio” (MC 37) e nem por isso permitiu ser derrotada. Foi aclamada como a mulher forte. Ela encontrou sua força em Deus e cantou um canto de ação de graças, exaltando o nome e a presença do Deus libertador. No Magnificat (Lc 1,46-55), Maria denuncia a injusta sociedade que acumula, explora e mata. A riqueza é sinal de morte, e os pobres são os preferidos para serem libertados de todo mal, sobretudo daqueles propositalmente formulados pelas estruturas injustas e a elas agregados. A oração de Maria, cheia de silêncio amoroso e compassivo, aproximava-a do sofrimento e da dor de seus filhos prediletos, os pobres e necessitados. Estar na escola de Maria é tornar-se cada vez mais desapegado, pequeno e humilde, disposto sempre à observância e à escuta da Palavra do seu Filho. Maria experimenta a salvação e, por isso, pôde realizar esse gesto profético. Por esse gesto, faz emergir os sinais do Reino e os sinais da esperança, capazes de transformar os sofrimentos da humanidade.

4. Teimosia na luta contra o sistema de morte de Belém e dos sistemas de hoje

A sociedade no tempo de Maria era reflexo de um sistema secular de subserviência imposto pelas autoridades políticas: uma sociedade de competição, de perseguição e de morte; uma sociedade distante da aliança feita com o povo da Terra Prometida para tomar posse da terra e viver a fraternidade e a igualdade. A cidade de Belém era retrato de lugar esquecido pelas autoridades políticas e religiosas. Mas não foi esquecida por Deus, que ali encontrou Maria, disposta a abraçar seu projeto ousado. Em uma sociedade em que a mulher seria apedrejada ao apresentar-se grávida antes do casamento, Maria e José abraçam a vida gerada “pela sombra do Espírito Santo” (Lc 1,35) e correm todos os riscos para não deixarem que matem o menino Deus gestado no ventre de Maria.

Havia muito que o povo de Israel esperava um Messias, mas um Messias que viesse glorioso e com forte exército para dominar o poder romano, o qual explorava e oprimia a maioria pobre e marginalizada. Mas Jesus pede que se traga um jumento, animal usado para o trabalho e não para as guerras, e entra em Jerusalém aclamado como rei. Ele não aceita o poder da terra e vem revestido do amor. Essa experiência do amor de Deus anunciado por Jesus é a grande reviravolta para uma sociedade injusta. Enquanto César e seus servidores o viam como agitador político, Jesus dava o testemunho e sua Palavra anunciava um Reino de justiça e de vida para todos. Jesus vem anunciar que o sinal maior é o amor. Esse amor desinteressado e exigente convoca cada pessoa a cuidar da vida, a cuidar do outro para que a vida prevaleça.

“Ela carregava em si a esperança do povo alimentada pelas profecias, a esperança de que, um dia, haveria de nascer o libertador, o Messias.”



5. Entre a vida e a morte, a vida é mais forte

Quem ama dá a vida por amor. A comunidade joanina experimentou esse amor até a consequência do martírio. Na perseguição, a comunidade sofre a *martyria*, ou seja, a morte, em nome da fé e do compromisso com o seguimento de Jesus.

O texto bíblico de Apocalipse 12 faz um apelo de resistência e esperança para os cristãos que sofriam em tempos de perseguição. Apocalipse é um termo grego que significa revelação ou tirar o véu, mostrar o verdadeiro sentido da história e recuperar a esperança. O objetivo do texto é oferecer consolação e esperança na vitória última do Senhor aos crentes provados em sua fé. João, exilado na ilha de Patmos, quer se comunicar e não pode usar uma linguagem clara diante da perseguição do império romano. Por esse motivo, usa uma linguagem simbólica com a comunidade. Esta conhece os elementos que o autor do texto usa. Os protagonistas desse texto são a mulher, o dragão e a criança:

- a mulher é a força do ser e da vida;
- o dragão é o poder do mal, da destruição e da morte;
- a criança é a inocência, a origem, a possibilidade, a promessa (BOFF, 2006).

De um lado, a mulher, que representa a humanidade, os que acreditam (cf. Lc 1,46). Do outro, o dragão, que tenta perseguir aqueles que acreditam para derrotá-los. O dragão acredita apenas no próprio poder. Quem vai ganhar essa luta? Humanamente falando, a mulher vai perder... Mas Deus intervém, coloca-se ao lado da mulher, e o dragão da maldade e da morte foi derrotado (MESTERS, 1983).

Esses são elementos importantes para serem compreendidos e, a partir daí, tidos como referência para alimentar a mística e a práxis, uma vez que muitos cristãos se en-

contram cansados e desanimados da sua ação pastoral, permitindo que os “dragões” da sociedade devorem a criança que quer nascer.

Quem hoje sofre as dores do parto ou se sente perseguido por algum dragão da sociedade? Hoje são muitos os “partos” sofridos, interrompidos, descuidados, por conta do descaso das autoridades e da sociedade para com grande parte da população: faltam atendimento médico e escolas, são altos os índices de pobreza, de violência, de corrupção, de maus serviços prestados por certos profissionais de saúde... O dragão revestiu-se da roupagem da modernidade e da globalização, mas quem é o dragão hoje? Talvez muitos não consigam identificá-lo, e esse é o grande empecilho para que seja derrotado. As relações humanas devem estar pautadas nos valores da vida: para nós, cristãos, valores humanos e cristãos. Porém, se os procurarmos na família, nos meios de comunicação, no mundo do trabalho, da educação, da política, da saúde e da economia, sentiremos sua ausência. E é justamente a ausência desses valores nos nossos relacionamentos que corrompe a fraternidade e a solidariedade nos mais diversos ambientes.

Por outro lado, há famílias e comunidades que resistem à força dos dragões da sociedade e pautam sua vida na ótica e modelo de Jesus de Nazaré, cuja memória foi exemplo para as comunidades perseguidas do Apocalipse.

A Igreja no século XXI não sofre aquelas perseguições do período de 81-96 d.C., durante o governo de Domiciano, embora sofra outros tipos de perseguição e violência em diversos lugares. Sofre, também, os males do descaso, da indiferença, do preconceito. O primeiro grande desafio dos nossos tempos é o da fidelidade ao Deus verdadeiro. Nas palavras de Jesus, encontramos o imperativo: “Buscai primeiro o Reino de Deus e a sua justiça” (Mt 6,33).

Para ser verdadeira presença de Igreja, ser a “imagem” de Cristo no mundo de hoje, é preciso que nosso comportamento seja se-



melhante ao de Jesus Cristo, que recusou todas as tentações de dinheiro, prestígio, consumo e poder. Boff afirma: “A Igreja de Cristo tinha algo que o império não tinha. Era uma força inabalável: a fé no Senhor ressuscitado” (BOFF, 2006).

Essa mesma fé da Igreja de Cristo deve ser a fé dos cristãos comprometidos com sua peregrinação neste mundo, para ser presença transformadora. A morte, paixão e ressurreição de Jesus não significam derrota, mas a vitória sobre a imposição e a força do poder que queria destruir a comunidade. Esta se une e, fortalecida no amor, constrói novas relações de respeito e justiça. Nesse sentido, Maria é o modelo, é a mulher forte, a mulher discípula, seguidora de Jesus, aquela que, sem medo, gerou vida. Em primeiro lugar, a vida de Jesus por excelência e, depois, a sua participação e resistência não permitiram a morte da comunidade. Mais que um convite, a vida de Jesus é uma exigência para quem acredita no amor e na vida.

Na Exortação Apostólica *Marialis Cultus*, Maria é aquela que “aderiu total e responsavelmente à vontade de Deus (cf. Lc 1,38): porque soube acolher a sua Palavra e pô-la em prática, porque a sua ação foi animada pela caridade e pelo espírito de serviço e porque, em suma, ela foi a primeira e a mais perfeita discípula de

Cristo, o que, naturalmente, tem um valor exemplar universal e permanente.

Conclusão

“Maria é o modelo, é a mulher forte, a mulher discípula, seguidora de Jesus, aquela que, sem medo, gerou vida.”

Maria foi uma mulher profética e libertadora. Ela permanece sempre como a mulher de fé misericordiosa e testemunha de Cristo. Por isso mesmo, é apresentada como o modelo acabado de discípula do Senhor. Atenta às necessidades dos que sofrem, Maria de Nazaré continua presente em cada pessoa que acolhe a Palavra do seu filho. Como nas bodas de Caná, continua a nos orientar como mãe e mestra: “Fazei tudo o que ele vos disser” (Jo 2,5). Aquela que acompanhou o sofrimento do seu filho, “em pé” diante da cruz (cf.

Jo 19,25), que estava com os discípulos ainda desanimados e amedrontados (cf. At 1,4), continua como companheira fiel para que a glória de Deus² ocorra em todos os tempos e lugares e o desejo de Jesus se realize plenamente: “que todos tenham vida e a tenham em abundância” (Jo 10,10).

2 Segundo santo Irineu: “A glória de Deus é o homem vivente; a glória do homem é a visão de Deus”. E segundo dom Oscar Romero: “A glória de Deus é o pobre vivo”.

Bibliografia

- ÁLVAREZ, Carlos G. *Maria, discípula de Jesus e mensageira do evangelho*. São Paulo: Paulus, 2007.
- BOFF, Clodovis. *Mariologia social: o significado da Virgem para a sociedade*. São Paulo: Paulus, 2006.
- BUCKER, Bárbara P.; BOFF, Lina; AVELAR, Maria Carmen. *Maria e a Trindade: implicações pastorais – caminhos pedagógicos – vivência da espiritualidade*. São Paulo: Paulus, 2002.
- CELAM. *Documento de Aparecida (DAP)*. São Paulo: Paulus / Paulinas; Brasília: CNBB, 2007.
- DOCUMENTOS DO CONCÍLIO VATICANO II. *Lumen Gentium (LG)*. São Paulo: Paulus, 2004.
- MESTERS, Carlos. *Maria, a mãe de Jesus*. Petrópolis: Vozes, 1983.
- PAULO VI. *Marialis Cultus (MC)*. São Paulo: Loyola, 1975.



Ofício da Mãe do Senhor, uma tentativa de responder, pedagogicamente, às urgências da piedade mariana

Reginaldo Veloso*

O Ofício da mãe do Senhor foi pensado como uma adaptação do Ofício da Imaculada Conceição ao estilo do conhecido Ofício divino das comunidades. Segue a linha da renovação teológica, litúrgica e eclesial do Vaticano II, procurando ajudar o povo a encontrar o jeito melhor de amar e imitar Maria e encontrar a verdadeira grandeza de seu lugar na história de Jesus e no mistério de Cristo.

Quando, 14 anos atrás, atendi ao pedido da Editora PAULUS e da Ir. Penha Carpanedo, da *Revista de Liturgia*, para elaborar um “Ofício de Nossa Senhora”, que sintonizasse, ao mesmo tempo, com a antiga tradição popular do “Ofício da Imaculada Conceição” e a recente e exitosa experiência do Ofício Divino das Comunidades”, minha preocupação era mais pedagógica e teológica do que propriamente ritual e devocional.

Sob o título “EIS AÍ O TEU FILHO!... EIS AÍ A TUA MÃE!... (Jo 19,26)”, logo depois de contar “A história deste Ofício”, (p. 5-9), numa breve e sucinta introdução, eu escrevia, então:

Parece que a devoção dos cristãos à mãe do Senhor oscila entre estas duas palavras que valem como “testamento” de Jesus para os cristãos de todos os tempos:

A devoção mais natural e espontânea, a mais fácil e cômoda, é jogar-se como “filho” ou “filha” no regaço desta mãe, que, por sinal, reflete o rosto materno do

* Tem longa história de dedicação às CEBs e à pastoral; mestre em Teologia (PUG, Roma, 1962); mestre em História Eclesiástica (PUG, Roma, 1965); fez o curso do Ispal, Rio, 1966. É membro da Equipe de Reflexão e Música Litúrgica da CNBB. E-mail: reginaldoveloso@uol.com.br



próprio Deus, para aí sugar toda a ternura e experimentar o calor da sua proteção. Quem não precisa de proteção?... Quem não a busca?... Quem não se sente bem, protegido?... Sobretudo num contexto de opressão, de incertezas, angústias e sofrimentos, como é o caso da imensa maioria do nosso povo, é fácil entender o afluxo caudaloso das massas, morros acima ou vales abaixo, em demanda de algum santuário da mãe de Jesus e mãe nossa. Fazendo ou pagando suas promessas, o povo chega cheio de direito ou gratidão. Quem mandou Jesus dizer à sua mãe, naquela “hora”: “Mulher, eis aí o teu filho!”?... O povo entende que é papel dela cuidar dos filhos e filhas que Jesus lhe entrega na pessoa do Discípulo, ao pé da cruz. E esse é o jeito “criança” de se gostar da mãe.

Mas há outra maneira de ser devoto de Maria. É, antes de tudo, olhar para ela com a divina simpatia de quem a mandou chamar pelo Anjo de “cheia de graça”! É folhear o Evangelho, os 4 Evangelhos, e receber das mãos do Pai e do Filho e do Espírito este admirável “Espelho de Justiça”, como a apelida a tradicional Ladainha, para aí se confrontar e revisar a vida, rever sua relação com o Pai e o Filho e o Espírito. Pois esta mulher singular, melhor que ninguém, poderá ajudar a Igreja a reencontrar continuamente o seu jeito original de ser. Ela é a própria Igreja na sua origem, Lucas que o diga e João que o confirme: “Eis aí a tua mãe!”. O povo precisa ser ajudado a entender que é sua tarefa cotidiana, a toda hora, seguir JESUS, deixando-se levar pela mão desta Mulher, imitando este modelo admirável de escuta e disponibilidade, de

fidelidade e firmeza, de busca de Deus e solidariedade para com o povo. E esse é o jeito “adulto” de os filhos e filhas gostarem de sua mãe. As páginas que se seguem nos ajudem a encontrar o jeito melhor de amá-la e imitá-la, “caminhando e cantando e seguindo a canção” (G. Vandrê) (*Ofício da mãe do Senhor*, p. 10ss).

“Esta mulher singular, melhor que ninguém, poderá ajudar a Igreja a reencontrar continuamente o seu jeito original de ser.”

Como “para bom entendedor poucas palavras bastam”, imagino que a citação acima pôde valer como uma declaração de intenções clara e suficiente. De certa maneira, eu tentava precaver os vários tipos de agentes pastorais, mas muito especialmente os que, com os sinceros cuidados do Bom Pastor, lidam com as comunidades ou as massas “devotas”, contra o perigo de uma piedade mariana entregue aos excessos do sentimentalismo, fruto de uma devo-

ção pouco ou nada evangelizada, de uma generalizada carência de catequese e formação da consciência cristã.

E o perigo tem-se demonstrado mais que real. Com o avanço da onda neopentecostal no seio da nossa Igreja, pior ainda, com o abuso mercantilista com que a religiosidade popular vem sendo manipulada por todas as mídias, sob o olhar conivente de quem deveria interferir e não o faz, por alguma conveniência de questionável interesse, os que, com responsabilidade pastoral, nos dedicamos ao serviço do Reino por Jesus anunciado assistimos atônitos a todo tipo de manifestação espúria e aberrante, praticada a título de “devoção a Nossa Senhora”. E vai do uso abusivo de nomes esdrúxulos dados à mãe de Jesus a cantos, preces e consagrações que beiram a heresia, lamentáveis exageros que a verdadeira grandeza do lugar de Maria, na história de Jesus



e no mistério de Cristo, dispensa e refuga.

Quanto eu gostaria de que um bom número de agentes pastorais conhecessem esse subsídio que vem acompanhado de três CDs, respectivamente: *Ofício da mãe do Senhor 1: OFÍCIO DAS ALEGRIAS*; *Ofício da mãe do Senhor 2: OFÍCIO DAS DORES*; *Ofício da mãe do Senhor 3: OFÍCIO DAS GLÓRIAS*.

Como já estão podendo perceber, há clara tentativa de sintonizar com as tradições da religiosidade popular. Manuseando o livreto de 175 páginas ou escutando algum dos três CDs, vão notar ainda mais o tanto de reminiscências e elementos deste jeito de o povo venerar a grande mãe do Senhor, o que dá a esse subsídio plenas chances de cair no gosto do povo: claras ressonâncias dos “AVE” de Lourdes e Fátima, do próprio antigo Ofício da Imaculada Conceição, dos mistérios do santo rosário, só para citar as mais facilmente identificáveis.

Mas vão constatar, sobretudo, a seriedade e o cuidado com que cada elemento desse singelo e sugestivo ritual é tratado: como o próprio cântico de Maria (cf. Lc 1,47-55), trata-se de um louvor “ao Senhor”. A mãe de Jesus, no decorrer das celebrações, sem dúvida, é lembrada e homenageada, mas por e em sua estreita ligação com o mistério de Cristo, sem o que toda forma de invocação, de oração ou mesmo de representação iconográfica perde a genuinidade e a legitimidade. Assumindo a tradição da Liturgia das Horas numa proposta mais popular, a do Ofício Divino das Comunidades, enriquece sobremaneira a tradicional devoção com o canto dos salmos e demais cânticos bíblicos e a leitura das Sagradas Escrituras, o que nos aproxima muito mais deste modelo incomparável de nossa fé que é a própria mãe do Senhor, a serva fiel da Palavra e cantora da libertação.

Creio que, com esses cuidados e dessa forma, tentei prestar um serviço à minha Igreja, sem ignorar os reflexos benéficos que possa ter no diálogo ecumênico, que, sem precisar

Darwinismo moral **Como nos tempos hedonistas**

Benjamin Wiker



Este livro concentra-se em dois grandes pensadores: Epicuro e Charles Darwin. Segundo o autor, os dois se relacionam: Epicuro iniciou um movimento intelectual que Darwin aperfeiçoou. Entendê-lo é absolutamente essencial para compreender a cultura atual. Os que creem em Deus geralmente preocupam-se com o constante declínio moral da cultura ocidental. O que há apenas alguns anos era inaceitável é o estilo de vida alternativo de hoje e o estilo preferido de amanhã. Para compreender essas alterações sociais e ideológicas, Benjamin Wiker relaciona e explica os dois teóricos, abordando hedonismo e evolução.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





derivar para o medo de afirmar nossas convicções, tampouco pode ser prejudicado por nossos reais desvios e irresponsabilidades.

Por fim, aproveitando o ensejo das comemorações do cinquentenário do Concílio Vaticano II, remeto-me a um dos seus principais documentos, que, ao inserir, cuidadosa e criteriosamente, a temática mariológica no âmbito do mistério de Cristo e da Igreja, no oitavo e final capítulo da Constituição sobre a Igreja, a *Lumen Gentium*,

[...] admoesta ao mesmo tempo todos os filhos da Igreja a que generosamente promovam o culto, sobretudo

o litúrgico, para com a Bem-aventurada Virgem, deem grande valor às práticas e aos exercícios de piedade recomendados

pelo magistério no curso dos séculos e observem religiosamente o que, em tempos passados, foi decretado sobre o culto das imagens de Cristo, da Bem-aventurada Virgem e dos Santos. Mas com todo o empenho exorta os teólogos e os pregadores da Palavra divina a que, na consideração da singular dignidade da mãe de Deus, se abstenham com diligência tanto de todo falso exagero quanto

da demasiada estreiteza de espírito (LG 157-158).

**"A mãe de Jesus,
no decorrer das
celebrações, sem
dúvida, é lembrada
e homenageada,
mas por e em sua
estreita ligação com
o mistério de Cristo."**

Para manter a esperança e a fé

OFÍCIO DA MÃE DO SENHOR
de Reginaldo Veloso

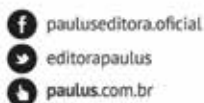


Um conjunto de três CDs e livro trazendo cânticos, distribuídos entre aclamações, preces e salmos. As melodias e arranjos apresentam um bom exemplo de enraizamento na alma do povo brasileiro, em sua variedade de ritmos.

Reginaldo Veloso é presbítero da CEBs, da equipe do hinário litúrgico da CNBB e da Equipe do Ofício Divino das Comunidades.

VENDAS:

11 3789-4000 | 0800-164011
vendas@paulus.com.br





CNBB, OAB e mais 108 organismos sociais empenhados pelo Projeto de Lei de Reforma Política

Sensível aos problemas políticos e sociais, considerando os baixos índices de credibilidade do sistema político brasileiro e em atenção à sua missão de pastoreio do Povo de Deus, a CNBB, juntamente com diversos outros organismos sociais, religiosos e civis, tem se empenhado por uma reforma política democrática que venha a aprimorar as instituições e os poderes da República. O objetivo principal é tornar as eleições mais limpas, democráticas e mais independentes do poder econômico, de modo a eleger parlamentares e governantes que representem melhor o todo da população e não apenas os setores econômicos que financiam campanhas e assim elegem seus candidatos.

Várias tentativas de Reforma Política foram feitas no Congresso Nacional. Todas foram infrutíferas por uma única razão: os congressistas não têm interesse em reformar o sistema político e eleitoral do nosso país, por se encontrarem em zona de conforto no atual sistema, embora haja uma minoria de parlamentares empenhados em uma verdadeira reforma. Atualmente está em curso no congresso um arremedo de reforma, que visa contentar a exigência social de mudança, mas sem mexer no atual estado da política. O objetivo dessa proposta limitada de reforma que está

tramitando é, sobretudo, manter o financiamento empresarial de campanhas, principal fonte de corrupção e de enriquecimento ilícito de políticos. As necessidades de mudanças maiores não são atendidas por essa reforma limitada e pouco confiável em tramitação. Já em agosto de 2013, a CNBB, juntamente com outras entidades, entregaram ao presidente da câmara uma proposta de reforma política, a qual não foi posta em votação. Por isso, atualmente, com apoio de um número ainda maior de instituições, que chegam a 110 ao todo, a CNBB está empenhada em um Projeto de Lei de Iniciativa Popular para a Reforma Política Democrática. Para que o projeto venha a tramitar no congresso são necessárias 1 milhão e 500 mil assinaturas. Não se trata de um abaixo-assinado reivindicatório, é um projeto similar ao que a CNBB já fez para a aprovação da Lei da Ficha Limpa. De acordo com a Constituição Federal, a sociedade pode apresentar um projeto de lei à Câmara dos Deputados desde que a proposta seja assinada por um número determinado de cidadãos, no mínimo, um por cento do eleitorado nacional, distribuído pelo menos por cinco Estados (art. 61, § 2º, CF). Atingidos esses requisitos, o projeto pode ser protocolado para tramitação. Atualmente já foram recolhidas 500 mil assinaturas,



faltando ainda 1 milhão. Por isso, a CNBB e as demais entidades estão empenhadas em atingir o número necessário. Também os leitores de *Vida Pastoral* são convidados a colaborar com o recolhimento de assinaturas nas comunidades, grupos e paróquias onde atuam.

O bispo auxiliar de Brasília e secretário geral da CNBB, dom Leonardo Steiner, enviou aos bispos da Conferência a proposta de Projeto de Lei de Iniciativa Popular para uma Reforma Política no Brasil; o **formulário para a coleta de assinaturas** e uma carta da Comissão para Acompanhamento da Reforma Política. O formulário para coleta de assinaturas em paróquias e comunidades pode ser baixado pela Internet (em: <http://www.reformapoliticademocratica.org.br>).

Segundo dom Leonardo, “o passo a ser dado é a coleta de assinaturas para o Projeto de Lei de Iniciativa Popular, a ser levado ao Congresso Nacional”. Para tanto, de acordo com o bispo, o formulário deve ser multiplicado. A carta, assinada pelo bispo auxiliar de Belo Horizonte (MG) e presidente da Comissão para Acompanhamento da Reforma Política, dom Joaquim Mol, foi aprovada pelo Conselho Permanente da Conferência, durante reunião realizada no último mês de outubro.

Leia, na íntegra, a carta enviada aos bispos do Brasil:

Carta sobre o Projeto de Lei de Iniciativa Popular pela Reforma Política

A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil - CNBB, ciente da necessidade de mudanças mais profundas na realidade política do Brasil, criou uma Comissão de Acompanhamento da Reforma Política, presidida por mim. Esta carta, que foi apresentada ao Conselho Permanente da CNBB em 24/10/13, cumpre o objetivo de informar sobre os últimos

acontecimentos acerca deste assunto e também de convidar a todos os bispos a acompanharem e participarem, em suas Dioceses, do movimento que se iniciou recentemente.

Seguem os principais pontos.

1. Várias tentativas de Reforma Política foram feitas no Congresso Nacional. Todas foram infrutíferas por uma única razão: os congressistas não têm interesse em reformar o sistema político e eleitoral do nosso país, por se encontrarem em zona de conforto no atual sistema. É verdade, igualmente, que há vários parlamentares empenhados em fazer uma Reforma Política.

2. Algumas entidades organizadas na sociedade civil, percebendo a dificuldade instalada no Congresso Nacional, organizaram debates e formularam propostas de Reforma Política, com o intuito de coletarem assinaturas para um Projeto de Lei de Iniciativa Popular.

3. Ao percebermos o ambiente político modificado pelas manifestações a partir de junho e ao mesmo tempo as várias propostas de Reforma Política em circulação, mas sem a necessária conjunção de forças, a CNBB convidou um conjunto expressivo de entidades da sociedade civil, para um encontro em sua sede, dia 14/08/2013, com vistas a unificarmos os objetivos e as áreas a serem reformadas. Quinze entidades compareceram e aceitaram a proposta.

4. Nesta primeira reunião foi eleita a coordenação do movimento e foi definida a tarefa da mesma: apresentar uma proposta de Projeto de Lei de Reforma Política para o Brasil, abrangendo cinco áreas



escolhidas pelos presidentes das entidades, a saber:

- a. afastamento do poder econômico das eleições;
- b. adoção do sistema eleitoral do voto dado ao partido e depois a um candidato de uma lista formada democraticamente;
- c. alternância de gênero nas listas de candidatos;
- d. fortalecimento dos partidos e fidelidade partidária programática;
- e. regulamentação dos instrumentos da democracia direta, previstos no Artigo 14 da Constituição: projeto de lei de iniciativa popular, referendo e plebiscito.

Este delicado trabalho exigiu que todos colocassem suas propostas sobre a mesa para sofrerem as alterações de interesse comum às entidades. Todos ofereceram e todos cederam. O Projeto de Lei ficou pronto e posteriormente foi apresentado, aperfeiçoado e aprovado pelo plenário das entidades.

5. Dia 3/9/2013, num ato público realizado na CNBB, com participação de muitas pessoas, foi dado ao conhecimento público a proposta unificada do Projeto de Lei com o nome de “Coalizão pela Reforma Política Democrática e Eleições Limpas”, bem como a unificação dos esforços de entidades e pessoas pela necessária e urgente Reforma Política. Naquele dia, 35 entidades assinaram o Projeto de Lei.

6. Esta proposta de Reforma Política foi entregue ao presidente da Câmara Federal, Deputado Henrique Alves, pelas

Introdução à teologia fundamental

João Batista Libanio



O simples fiel ou iniciante do curso de teologia pergunta-se: na condição sociocultural de hoje, que desafios o cristão enfrenta para crer com lucidez e honestidade? Quais valências positivas e negativas que interferem na compreensão da fé? E reflete então à luz do grande projeto salvador de Deus. Assim nasce a Teologia Fundamental. Nesta obra, João Batista Libanio abordou os elementos basilares dessa disciplina teológica, seu percurso histórico até a atualidade e suas perspectivas e desafios diante da evolução cultural e do quadro religioso contemporâneo.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





entidades, agora em número de 44, na presença de dezenas de parlamentares apoiadores, dia 10/9/2013.

Cerca de 130 parlamentares subcreveram a proposta. Explicitamos ao presidente da Câmara Federal a necessidade de se colocar a proposta em votação imediatamente para que fosse ao senado e logo sancionada pela Presidente da República, de modo a cumprir o tempo regulamentar e passar a valer já nas próximas eleições.

O referido Deputado reconheceu a importância do ato, a legitimidade da proposta e assumiu, diante de todos, o compromisso de colocá-la em votação. Em ato contínuo, noticiamos aos veículos de comunicação que nos aguardavam na sala de entrada da Câmara Federal. Informo aos senhores que muitos veículos de comunicação não têm interesse na Reforma Política: mesmo acompanhando intensa movimentação naqueles dias, alguns veículos não noticiaram o fato.

7. A Reforma Política não foi colocada em votação. Já imaginávamos esta possibilidade. Por isso a proposta foi elaborada no formato de Projeto de Lei de Iniciativa Popular, acompanhada da folha de assinaturas. Precisamos nos empenhar neste grande trabalho e desencadear uma campanha cívica, unificada, solidária pela efetivação da Reforma Política, assim como aconteceu, victoriosamente, em vários outros momentos da história recente do Brasil, como as campanhas pelas eleições diretas, ficha limpa, recursos para a saúde.

8. Os principais pontos do Projeto de Lei de Iniciativa Popular são os seguintes:

a. Proibição do financiamento de campanha por empresa. Instauração do financiamento democrático de campanha, constituído do financiamento público e de contribuição de pessoa física limitada a R\$ 700,00. O total desta contribuição não poderá ultrapassar o limite de 40% dos recursos públicos recebidos pelo partido, destinados às eleições;

b. Adoção do sistema eleitoral do voto dado em listas pré-ordenadas, democraticamente formadas pelos partidos com a participação dos filiados e não só dos dirigentes, e submetidas a dois turnos de votação, constituindo o sistema denominado “voto transparente”, pelo qual o eleitor inicialmente vota no partido e posteriormente escolhe individualmente um dos nomes da lista;

c. Alternância de gênero nas listas mencionadas no item anterior;

d. Regulamentação dos instrumentos da Democracia Participativa, previstos no art. 14 da Constituição, de modo a permitir sua efetividade, reduzindo-se as exigências para a sua realização, ampliando-se o rol dos órgãos legitimados para iniciativa de sua convocação, aumentando-se a lista de matérias que podem deles ser objeto, assegurando-se financiamento público na sua realização e se estabelecendo regime especial de urgência na tramitação no Congresso;

e. Modificação da legislação para fortalecer os partidos, para democratizar suas instâncias decisórias especialmente na formação das listas pré-ordenadas, para impor programas partidários efetivos e vinculantes, para assegurar a fidelidade partidária, para considerar o mandato como pertencente ao partido e não



ao mandatário;

f. Criação de instrumentos eficazes voltados aos segmentos sub-representados da população, como os afrodescendentes e indígenas, com o objetivo de estimular sua maior participação nas instâncias políticas e partidárias;

g. Previsão de instrumentos eficazes para assegurar o amplo acesso aos meios de comunicação e impedir que propaganda eleitoral ilícita, direta ou indireta, interfira no equilíbrio do pleito, bem como garantias do pleno direito de resposta e acesso às redes sociais.

Estamos cientes da complexidade desta matéria, mas também convictos de que a Reforma Política é uma das principais iniciativas da população brasileira neste momento, considerando os baixos índices de credibilidade dos poderes legislativo, judiciário e executivo, dos partidos políticos; considerando que a inclusão social em curso aprimora a consciência cívica, o desejo de participação e a cobrança de direitos; considerando que povo brasileiro, especialmente a juventude, reage fortemente contra os escândalos de corrupção e exigem punição efetiva para os culpados; considerando as distorções do sistema político e eleitoral que alargam o fosso entre a Nação e o Estado, os representados e os representantes, a sociedade e o governo; considerando que a atual conjuntura impõe que se proceda com urgência a uma profunda Reforma em nosso sistema político e eleitoral. Por isso, apresentamos a “Coalizão pela Reforma Política Democrática e Eleições Limpas” como o melhor caminho possível neste momento para esta transformação e conclamamos a todos os brasileiros em suas cida-

A Filha de Sião

A devoção Mariana na Igreja

Joseph Ratzinger



O papa Bento XVI apresentou ao público uma reprodução de três conferências feitas por ele na primavera de 1975 em Puchberg, próximo a Linz. Após anos de declínio do culto mariano na Igreja, houve nele um desejo de constatar, da maneira mais sóbria possível, o que havia efetivamente permanecido da fé mariana, e o que deveria continuar a permanecer. Tratava-se, então, de uma introdução sem necessidade de detalhamento, mas que tinha de mostrar corretamente a perspectiva a partir da qual tanto Maria quanto o seu contexto histórico-religioso fossem compreendidos de forma adequada.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000

0800-164011

SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL

paulus.com.br





des, mas especialmente, por esta carta, a todos os bispos e suas dioceses a participarem desta Campanha pelo aperfeiçoamento da Democracia.

Este assunto já foi tratado em reuniões do CONSEP e do CONSELHO PERMANENTE da CNBB e será aprofundado a cada passo neste caminho.

Renovo-lhe meus sentimentos de respeito e fraternidade, em Cristo Jesus.

Cordialmente,

Dom Joaquim Giovani Mol Guimarães

Bispo Auxiliar de Belo Horizonte

Presidente da Comissão Episcopal

Pastoral para a Cultura e Educação

Presidente da Comissão de Acompanhamento
da Reforma Política

ASSINE, RECOLHA ASSINATURAS E AJUDE A MUDAR O PAÍS

Precisamos coletar 1,5 milhão de assinaturas. Colabore!

É muito fácil! Basta baixar o formulário e imprimi-lo para iniciar a coleta (<http://www.reformapoliticademocratica.org.br>). Colete as assinaturas de seus amigos, colegas e parentes. Busque também assinaturas de pessoas na rua, no trabalho, na faculdade, na igreja, onde quiser. Depois, basta enviar os formulários preenchidos para o endereço que está no rodapé do formulário.

ATENÇÃO: a legislação brasileira atual não permite assinaturas digitais ou pela internet. Portanto, para Projetos de Iniciativa Popular como este da Coalizão ainda é necessário imprimir o formulário, assinar corretamente com todos os dados e nos enviar pelos CORREIOS.

SECRETARIA NACIONAL DA COALIZÃO

SAS, Quadra 05, Lote 2,
Bloco N, Edifício OAB, 1º andar,
Brasília-DF
CEP: 70.070-913

Também na internet:
vidapastoral.com.br

* Graduada em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará e em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (Faje – BH), onde também cursou mestrado e doutorado em Teologia Bíblica. Atualmente, leciona na Faculdade Católica de Fortaleza. É autora do livro *Eis que faço novas todas as coisas – teologia apocalíptica* (Paulinas).
E-mail: aylanj@gmail.com



Aíla Luzia Pinheiro Andrade, nj*

14º DOMINGO COMUM

5 de julho

Enviados por Deus e rejeitados pelos seus

I. Introdução geral

O tema da liturgia de hoje é a rejeição à palavra de Deus. No evangelho, os contemporâneos de Jesus não lhe dão crédito porque não conseguem ver nele nada mais que um carpinteiro. Mas isso não é fato pontual, já havia incredulidade no tempo dos profetas. A primeira leitura menciona a falta de fé dos contemporâneos de Ezequiel, porque têm um coração insensível. O profeta é orientado a insistir na proclamação da palavra de Deus mesmo que seus contemporâneos não queiram ouvi-la. Assim também agiu Paulo, que, em vez de desanimar com as dificuldades, continuou com o anúncio do evangelho e nos ensinou a dizer: “quando sou fraco, então é que sou forte”.



II. Comentário dos textos bíblicos

Evangelho (Mc 6,1-6): O profeta é desprezado na própria terra

Passando novamente por sua própria terra, Jesus encontrou dificuldade para operar milagres por causa da falta de fé. Ele se dirigiu à sinagoga no dia de sábado, como todo judeu adulto, e tomou a palavra para ensinar. Não se tratava de qualquer instrução, pois o lugar e o dia faziam disso um ensino oficial e litúrgico.

O ensino de Jesus causa duas reações contrárias: admiração e recusa. Essa disposição para com Jesus marca todo o Evangelho de Marcos, tendo como principais protagonistas dessa recusa os líderes religiosos de seu próprio povo, Israel.

A admiração diante do ensinamento de Jesus estava relacionada com sua autoridade, que não vinha de sua profissão. Ele não tinha a profissão de rabino (mestre), mas de artesão da madeira. O fato de ser carpinteiro não era desonra, pois se tratava de profissão bem considerada. Essa afirmação apenas prova que os seus compatriotas o conheciam bem e se admiravam que fosse sábio e fizesse milagres, quando o normal seria apenas trabalhar com a madeira. O objetivo aqui é mostrar que a sabedoria e o poder de Jesus não vêm das pessoas, não são adquiridos como uma profissão, mas vêm de Deus.

Em seguida, a admiração inicial transformou-se em hostilidade, sinal da incredulidade ante as obras de Jesus. O episódio retrata que os galileus estavam marcados pelo preconceito: admiravam as obras de Jesus, mas não o acolheram. Essa falta de acolhimento o impossibilitou de fazer milagres em sua própria terra, uma vez que os milagres significavam o avanço do reino de Deus e o retrocesso do antirreino, e isso só era possível onde havia fé em Jesus como Messias/Cristo. O preconceito fechou os corações, e os galileus não perceberam a ação de Deus em Jesus.

2. I leitura (Ez 2,2-5): O profeta anuncia, quer escutem, quer não

O texto diz que o sopro de Deus entrou em Ezequiel: isso significa que agora ele é inspirado e movido pelo dom da profecia e o que vai anunciar é palavra de Deus. O Espírito põe o profeta de pé, em atitude de prontidão, para anunciar ao povo a profecia que vai receber.

Ezequiel é enviado aos filhos de Israel. Algo fora do comum acontece no v. 3: em vez de Israel ser chamado “povo de Deus”, como geralmente acontece na Bíblia, é chamado de “nação rebelde”, literalmente “gentio rebelde”. Na Bíblia, “gentio” está sempre em oposição a Israel, que é sempre referido como “o povo”. Isso significa que, quando Israel rejeita a palavra de Deus, se torna igual aos gentios.

A rebeldia dos contemporâneos de Ezequiel vinha de longa data, as gerações passadas se comportaram da mesma forma. As perspectivas da recepção da profecia por parte dos destinatários não são nada animadoras para Ezequiel, pois eles têm a face endurecida e o coração obstinado. Quer escutem, quer não, saberão que “houve um profeta entre eles”. Essa expressão significa que Deus é misericordioso e os advertiu e que eles já não têm desculpas para o erro.

3. II leitura (2Cor 12,7-10): Prefiro gloriar-me de minhas fraquezas

Paulo afirma que tem um “espinho na carne”; de maneira geral, essa expressão significa algo que provoca grande angústia. Uma alusão a Ez 28,24, quando se refere aos povos vizinhos (e inimigos) de Israel como espinhos e abrolhos. Com a expressão “espinho na carne”, o apóstolo pode estar se referindo, entre outras coisas, às angústias que tinha suportado com a oposição à sua pessoa e à sua autoridade por parte dos coríntios. A rebeldia da comunidade de Corinto contra Paulo foi tão dolorosa, que o compeliu a escrever uma “carta entre lágrimas”: “foi levado por grande afli-



ção e angústias de coração que vos escrevi, em meio a muitas lágrimas” (2Cor 2,4).

A expressão “mensageiro de satanás” é equivalente a “espinho na carne” e significa que, mesmo sofrendo rejeição por parte dos coríntios, o apóstolo não desanimou da missão de exortá-los a viver conforme o evangelho. Paulo aceitou as angústias como uma motivação para exercer a humildade e vencer o orgulho. O apóstolo deixou que Deus se utilizasse da fraqueza humana para mostrar a grandeza do agir divino.

III. Pistas para reflexão

- A homilia deve levar a comunidade a refletir sobre as graves consequências da rejeição à palavra de Deus. Ainda hoje Deus nos fala por meio de pessoas humildes e modestas. Às vezes a palavra que nos é anunciada questiona nosso agir, e por isso é muito mais fácil rejeitá-la que sair do nosso estado de comodismo ou de pecado. Não raro nos tornamos um espinho na carne, não raro provocamos grandes angústias a quem somente deseja o bem da comunidade e a vivência mais autêntica da mensagem de Jesus.

15º DOMINGO COMUM

12 de julho

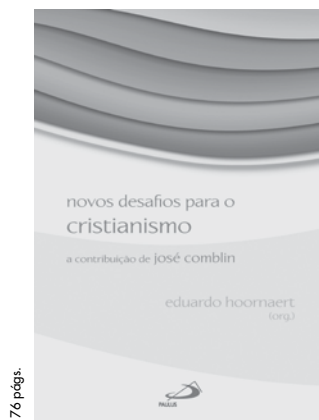
Chamados e enviados para proclamar a conversão

I. Introdução geral

Deus, com absoluta liberdade, chama todos e cada um em particular. Isso significa que ele não faz acepção de pessoas, mas todos são vocacionados à filiação divina, suprema vocação humana, embora haja distintas missões,

Novos desafios para o cristianismo A contribuição de José Comblin

Eduardo Hoornaert



176 págs.

Esta coletânea comporta oito trabalhos de teólogos e biblistas, em sua maioria da nova geração – entre eles o monge beneditino Marcelo Barros e o professor de pós-graduação Jung Mo Sung –, que iluminam diversos aspectos da teologia e da ação de José Comblin, tendo sempre em vista os novos desafios para o cristianismo. Leitura para conhecermos melhor a contribuição do grande teólogo que foi Comblin, falecido no final de março de 2011.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





conforme os desígnios de Deus. Para o exercício do anúncio do evangelho, algumas coisas são exigidas dos enviados e dos destinatários. Dos primeiros se exige que renunciem aos interesses egoístas e se dediquem com afinho à proclamação do reino, mesmo que o missionário se torne malquisto ou rejeitado. Exemplo disso é Amós, que não falou palavras agradáveis e não buscou os próprios interesses. Dos destinatários da missão se requer a acolhida ao missionário como enviado de Deus e a docilidade à palavra divina por ele proclamada.

II. Comentário dos textos bíblicos

1. Evangelho (Mc 6,7-13): Chamou os Doze e os enviou dois a dois

Esse trecho do Evangelho de Marcos nos insere no âmago da vocação da Igreja, que é ser missionária.

A comunidade, representada pelos Doze, é formada pelos discípulos seguidores de Jesus, que participam da vida e missão de seu mestre. São seguidores porque foram convocados por Jesus para segui-lo e a ele responderam afirmativamente. Isso significa que a vocação cristã não se fundamenta em méritos pessoais, mas unicamente no amor e na gratuidade de Deus, por meio de Jesus, e no consentimento humano.

Uma vez chamados, os discípulos são enviados a serviço da transformação deste mundo em um reino de fraternidade e paz. Jesus os envia com o mesmo poder e autoridade porque o discípulo participa da missão do Mestre, assumindo seu estilo de vida e seu destino. Esse poder e autoridade estão a serviço do anúncio do reino, não são para benefício próprio. O poder sobre os espíritos impuros ou sobre enfermidades significa que o reino de Deus se expande enquanto o reino da morte e do pecado cede espaço. Não há

nenhum poder mágico, mas a ação de Deus que destrói o poder das trevas quando a luz de Cristo é levada aos povos.

O envio de dois em dois é muito importante, por causa do apoio mútuo e da deliberação a respeito da melhor forma de evangelizar em cada local, ressaltando assim o sentido da vida em comunidade. Isso também mostra que os discípulos estavam de acordo a respeito do conteúdo da mensagem, o que evitava possíveis desconfiças nos ouvintes, pois naquela época havia muitos charlatões prometendo felicidade em troca de benefícios.

A missão dos Doze exige empenho, que se traduz principalmente em despojamento: não lhes é permitido levar nada do que geralmente se levava numa viagem, para que a provisão viesse de quem os acolhesse. Não se preocupando em levar pão, não cobravam nada para poder comprá-lo. Apenas sandálias foram permitidas, porque teriam longo caminho a trilhar. Além das sandálias, um só bastão para se defender das feras. Por conta da urgência do anúncio, não deviam perder tempo com quem rejeitasse a mensagem. Dessa forma, o anúncio chegaria com rapidez e eficácia àqueles que o acolhessem com fé.

2. I leitura (Am 7,12-15): Vai, profetiza para meu povo

Na primeira leitura, o sacerdote Amasias pensa que o profeta Amós usa a religião para ganhar dinheiro. O sacerdote se sente incomodado com as profecias de Amós e tenta persuadi-lo a ir embora, aconselhando-o a ganhar dinheiro em outro lugar, pois ali é Betel, santuário real, e as críticas do profeta não são nada agradáveis ao rei. Amós informa que não pertence a nenhum grupo de “profetas”, como eram chamados os conselheiros dos reis. Ele não usa a religião para ganhar dinheiro, mas tem sua própria profissão.

Amós não profetizava por decisão pessoal, ele apenas correspondeu ao chamado de Deus. Não deu a si mesmo essa tarefa e, aliás,



ela não era nada lucrativa para ele; ao contrário, ao criticar o rei, o profeta poderia receber grandes represálias. O que Amós estava fazendo nada mais era que obedecendo a uma ordem de Deus, que o chamou e o enviou a profetizar para que Israel voltasse ao caminho que os antepassados haviam percorrido com o Senhor durante toda a história da salvação. A mensagem podia até não ser agradável, mas visava ao arrependimento e à conversão.

3. II leitura (Ef 1,3-14): Em Cristo Deus nos chamou a ser seus filhos

A segunda leitura de hoje nos apresenta a vocação humana, ou seja, o plano divino da salvação para os seres humanos: abençoados em Cristo, escolhidos nele antes da criação do mundo e designados para serem filhos de Deus. Esse grandioso desígnio de salvação se realiza mediante Cristo na oferta de sua própria vida, que nos redime do pecado e nos confere a sua graça. Mas isso não excluiu a colaboração humana; ao contrário, exige fé e empenho pessoal para viver em santidade. Além disso, essa sublime vocação humana demanda o anúncio da “palavra da verdade”, isto é, o “evangelho da salvação”.

III. Pistas para reflexão

- Os vocacionados à missão recebem a instrução de nada levar na viagem a não ser o estritamente necessário, pois Deus cuidará do sustento deles por meio da hospitalidade oferecida aonde forem. A hospitalidade era um costume e até mesmo uma lei universal na sociedade antiga. Lendas folclóricas asseguravam que os deuses se disfarçavam de seres humanos para testar a hospitalidade das pessoas e, caso não fossem acolhidos, podiam-se esperar severos castigos. A sociedade moderna não oferece as mesmas condições e os mesmos costumes da sociedade antiga, contudo permanece a orientação de Jesus a respeito do desprendimento que cada vocacionado deve ter.

A face mais íntima de Deus

Renold Blank



Para os cristãos deste século, marcado por crescente globalização cultural, surge uma nova e muito urgente indagação: Em que o Deus Supremo, afinal, se distingue das divindades de todas as outras religiões? Tal fato tem se tornado cada vez mais merecedor de discussões, porque se a imagem de Deus — onipotente, infinito, santo, eterno e onisciente — já tinha sido mencionada pelos filósofos pagãos da antiga cultura grega, nasce, então, o seguinte questionamento: onde se encontra aquilo que é especificamente novo na concepção bíblica de Deus?

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





- É bom ressaltar o exemplo de Amós, que tinha liberdade para dizer o que Deus lhe ordenava, pois, se não dependia da religião para o próprio sustento, não sentia a imposição de dizer somente as palavras que agradassem aos ouvintes. Também Paulo é exemplo de abandono nas mãos de Deus.

- Pode-se enfocar o exemplo do apóstolo Paulo, que reconhecia as próprias fraquezas e limitações, consciente de que a missão só podia ser levada a termo porque Deus o fortalecia e o capacitava.

- Deve-se destacar também o papel da comunidade no êxito da missão. A hospitalidade dada aos missionários na Antiguidade pode ser atualizada na sociedade moderna em diversos atos que promovam o desenvolvimento da missão.

16º DOMINGO COMUM

19 de julho

Cristo, o verdadeiro pastor que nos apascenta

I. Introdução geral

O tema do Deus pastor e do Messias pastor é o fio condutor das leituras de hoje. Esse tema tão importante do Antigo Testamento é reinterpretado com frequência pelo Novo Testamento. O evangelho sintetiza no simbolismo do pastoreio as intensas atividades de Jesus junto ao povo e o cuidado com os discípulos. Totalmente entregue à tarefa de proclamar o reino de Deus, Jesus se dedica com intensidade ao cuidado do rebanho que o Pai lhe confiou. Cristo, o verdadeiro pastor, não se comporta como os líderes religiosos a quem o profeta Jeremias critica como maus pastores que não cuidaram do rebanho de

Deus. A vocação ao pastoreio foi dada por Jesus aos seus seguidores, não é exclusiva da hierarquia da Igreja. Todos os cristãos são convidados a continuar a missão de Cristo e, para que isso seja possível, é necessário fixar os olhos nele, modelo e critério do pastor.

II. Comentário dos textos bíblicos

1. Evangelho (Mc 6,30-34): A multidão era como ovelhas sem pastor

Os apóstolos que tinham sido enviados dois a dois se reuniram novamente a Jesus e contaram tudo o que tinham realizado.

Como bom pastor, Jesus reúne suas ovelhas e as leva ao deserto para descansar. O deserto era o lugar onde o pastor costumava reunir suas ovelhas para restaurarem suas forças (cf. Sl 23,23). A atitude de Jesus demonstra seu cuidado para com seus discípulos. Ele cuida com carinho e atenção de suas ovelhas, levando-as para um lugar propício, devido à vida fatigante que levam com ele em prol do anúncio do reino. Todos, em certo momento, precisam dirigir-se ao deserto para estar a sós com o Senhor, recuperar suas forças e, depois, retornar à missão de anunciar o reino.

Também a multidão percebeu a intenção de Jesus e o seguiu para fora da cidade. A multidão vinda de várias cidades evoca a promessa de que o Messias deveria reunir os judeus dispersos pelo mundo. E Jesus percebeu a carência profunda desse povo. Ele se compadeceu porque eram como ovelhas sem pastor, famintas da palavra de Deus. Os supostos pastores do povo, que deveriam alimentá-lo com a palavra de Deus, estavam sendo omissos nessa missão.

O povo foi em busca de Jesus porque viu nele o verdadeiro pastor e encontrou nele o mesmo cuidado dedicado aos seus discípulos.



2. I leitura (Jr 23,1-6): Ai dos pastores que dispersam meu rebanho

Por meio de Jeremias, Deus condena a conduta dos maus pastores, os líderes religiosos daquela época. Em vez de reunir as ovelhas (o povo de Deus), dispersavam-nas. Em vez de cuidar delas, deixavam-nas perecer. Essas duas atividades principais do pastoreio, reunir as ovelhas e delas cuidar, estavam sendo negligenciadas pelos pastores do povo. Por isso Deus mesmo cuidará de suas ovelhas e as entregará a pastores mais dignos.

Além do simbolismo do pastor e do rebanho, o texto de Jeremias utiliza o símbolo do brotinho nascido de um tronco de árvore cortada. Esse brotinho representa o Messias, o rei pastor, sob cujo governo as ovelhas dispersas de Israel serão finalmente reunidas e poderão desfrutar de segurança, justiça e paz.

3. II leitura (Ef 2,13-18): Reconciliados com Deus mediante a cruz

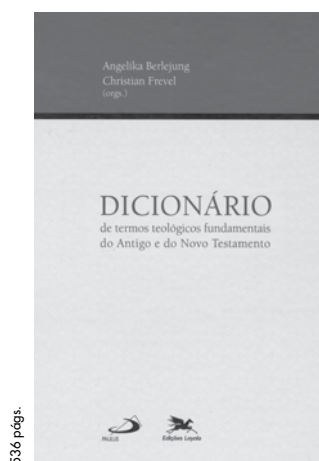
Ainda no quadro da salvação universal realizada por Deus por intermédio de Cristo, a segunda leitura nos lembra que, pela cruz, as ovelhas dispersas, não pertencentes ao povo de Israel, mas às outras nações, foram reunidas ao antigo povo de Deus. Israel bem como as demais nações foram reconciliados em Cristo e se tornaram amigos de Deus. Todos os seres humanos foram irmanados por meio de Jesus, todas as ovelhas foram reunidas em um só rebanho no Messias. Todos receberam um só Espírito. Tudo isso é o fruto da oferta da vida que Jesus fez a Deus por suas ovelhas.

III. Pistas para reflexão

- Lido com olhos cristãos, o salmo responsorial delinea a figura de Jesus, o bom pastor, e expressa a alegria dos fiéis: "O Senhor é meu pastor, nada me falta" (Sl 23,1). Jesus é o pastor que cuidadosamente guarda

Dicionário de termos teológicos fundamentais do Antigo e do Novo Testamento

Angelika Berlejung / Christian Frevel



536 pág.

O presente dicionário é concebido tanto como livro de estudo quanto como obra enciclopédica de consulta. Comenta os termos, os conceitos e os temas centrais do Antigo e do Novo Testamento que são fundamentais para a fé cristã até os nossos tempos, tornando-se assim um subsídio e um compêndio indispensável de teologia bíblica para teólogos, estudantes e pessoas interessadas na Sagrada Escritura. O volume foi elaborado com a colaboração de renomados cientistas e pesquisadores internacionais, segundo o mais atual estado da pesquisa da exegese e da teologia.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





seu rebanho, defende-o dos perigos, alimenta-o com a rica mesa de sua palavra e do seu Corpo e Sangue.

- É importante enfatizar na homilia a experiência existencial e profunda de cada cristão com o Cristo ressuscitado. A eucaristia já não pode ser entendida como uma obrigação do católico, mas como o momento em que Cristo reúne suas ovelhas, após os trabalhos e as lutas por um mundo melhor, para que possam restaurar suas forças e ser alimentadas por sua palavra e pelo pão eucarístico.

- Também é importante que as celebrações efetivamente proporcionem um encontro pessoal e comunitário com o Ressuscitado, em vez de serem rituais mecânicos e enfadonhos, em que o presidente da celebração pronuncia palavras vazias de espiritualidade e vida plena. Não esqueçamos a palavra de Jeremias: “Ai de vós, pastores, que dispersam e destroem as ovelhas”.

17º DOMINGO COMUM

26 de julho

O que temos é tão pouco, mas Deus é rico em misericórdia

I. Introdução geral

Na primeira leitura, o milagre de Eliseu é uma prefiguração do sinal realizado por Jesus, a multiplicação dos pães. E esse sinal, por sua vez, aponta para uma realidade maior, a eucaristia, fonte e ápice da comunhão entre os seguidores do Messias. Nutridos por um só pão, o Corpo do Senhor, os fiéis formam um só corpo místico de Cristo. Essa realidade é o fundamento da comunhão e da práxis cristã

mencionada na epístola aos Efésios, quando se exorta os fiéis a “conservar a unidade do espírito no vínculo da paz”. Essa comunhão é ação de Deus em nós e se traduz em serviço que ultrapassa as fronteiras da Igreja como instituição. Estamos a serviço da construção do mundo fraterno, não importa quão pequenos sejamos ou com quão pouco tenhamos a contribuir. Cada um deve fazer a sua parte e esperar que Deus faça a dele.

II. Comentário dos textos bíblicos

1. Evangelho (Jo 6,1-15): Jesus tomou os pães e, tendo dado graças, distribuiu-os entre eles

No Evangelho de João, Jesus realiza muitos sinais que apontam para a ação de Deus exercida por meio da missão messiânica. No texto de hoje, Jesus realiza o sinal do pão, muito significativo para a compreensão de sua identidade e de sua missão. O ambiente em que a cena se desenrola é importante para a compreensão da importância e do alcance da mensagem veiculada por esse sinal.

A Páscoa estava próxima, Jesus subiu à montanha e sentou-se. Estes três elementos nos mostram Jesus como o Mestre. A montanha é o lugar da revelação divina, onde Moisés recebeu a Lei, a instrução para o povo. O sentar-se é atitude própria do mestre quando vai ensinar seus discípulos. E, por último, a menção à Páscoa nos indica qual ensinamento Jesus quer transmitir: é um ensinamento novo realizado por meio do sinal do pão.

Antes do sinal, há uma instrução aos discípulos por meio da pergunta sobre como se pode resolver o problema de alimentar a multidão. Esse tipo de pergunta é própria do mestre para chamar a atenção



do discípulo para o ensinamento que quer transmitir. E, primeiramente, o que Jesus quer ressaltar é o reconhecimento do que é ofertado: é pouco, mas há docilidade para a oferta. O ofertante é anônimo, o que pressupõe que qualquer pessoa pode ofertar algo a Deus e, por meio de uma oferta simples, mediar a ação de Deus em prol da salvação do mundo.

O sinal aqui apresentado é a eucaristia, retratada nas palavras da tradição: “tomou os pães e, depois de ter dado graças, os distribuiu” (v. 11) e em outro texto (Jo 6,23), quando se diz que há um único pão.

A distribuição do pão feita pelos discípulos significa que eles devem difundir o que receberam do Senhor: o batismo, representado pelo “peixe”, e a eucaristia, “os pães”. Essas realidades sacramentais são a fonte da pertença à comunidade e da vida cristã.

Após se fartarem, os discípulos juntaram 12 cestos, o suficiente para alimentar todo o Israel, a quem deveria ser primeiramente anunciado o evangelho. A menção de que nada deve se perder alude a Jo 6,39, que afirma que a vontade de Deus é que não se perca nenhum daqueles que pertencem a Jesus.

As pessoas ficaram admiradas, mas não foram capazes de entender o sinal do pão. O reconhecimento de Jesus como o profeta que devia vir ao mundo refere-se à esperança de um messias semelhante a Moisés, alguém que os libertaria do poder político do império romano, da mesma forma que Moisés havia libertado o povo da opressão do faraó do Egito.

Como no passado, ainda hoje se faz necessário entender esse sinal para compreender a vida e missão de Jesus. Jesus condensou a sua vida no sinal do pão. Como o trigo é triturado para fazer o pão, Jesus é o trigo triturado que gera vida plena. Sua oferta de vida, sua entrega plena na cruz, é sinal do amor de Deus pela humanidade. Por isso, batismo e eucaristia são

Lumen gentium **A transição necessária**

Padre Antonio José de Almeida



O autor escolheu a categoria da “transição”, cara a João XXIII, como chave de leitura do esforço conciliar: “Dizem que sou um papa de transição. É isso mesmo, mas, de transição em transição, a Igreja vai em frente”. Historiadores, olhando para trás, poderão dizer que ele abriu uma nova era para a Igreja e fixou os pontos de transição entre o século XX e o XXI”. Antonio José de Almeida apresenta uma tentativa de “lançar de novo a semente do Concílio no solo invernal da Igreja”, consciente de que as decisões de um Concílio devem ser retomadas e renovadas na vida eclesial.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





oferecidos a todos como caminho para a salvação. Por eles, somos inseridos no mistério da vida, morte e ressurreição de Jesus. Somos feitos participantes dessa vida de entrega por amor que gera vida plena.

A opção por Jesus, por sua vida, requer que cada cristão saia do comodismo, pois a menor de nossas atitudes, por mais irrisória que seja diante dos desafios, é aceita como oferta generosa em favor da realização do bem maior, o amor pleno de Deus que gera salvação para o mundo.

Jesus triturou sua vida, ofertando-a no pão; somos chamados, pela nossa participação na mesa eucarística, a fazer o mesmo que ele: ofertar nossa vida para que ninguém se perca, mas todos ressuscitem no último dia.

2. I leitura (2Rs 4,42-44): Comeram e ainda sobrou, conforme a palavra do Senhor

Os pães que o homem trouxe para Eliseu eram uma oferenda a Deus a ser entregue pelas mãos do profeta. Eram pães feitos com as primícias, isto é, com os primeiros e melhores grãos da colheita. O texto menciona um homem, uma pessoa anônima, cujo nome não importa saber, pois, se essa narrativa chegou até nossos dias, isso se deve ao gesto dele de partilha e à ação de Deus em resposta àquele gesto.

Há uma ordem do profeta para que o ofertante distribua os pães ao povo. É uma ordem estranha, porque o homem reconhece que tem tão pouco para ofertar e há tanta gente para alimentar. O profeta reitera a ordem, agora assegurando, por meio de uma profecia, que Deus fará com que todos sejam saciados e ainda sobrar. A palavra dita pelo profeta foi finalmente cumprida quando o ofertante mudou o foco dos próprios pensamentos, deixou de centralizar-se na consideração do pouco que tinha e passou a confiar na ação de Deus.

Durante séculos, os sábios de Israel viveram nessa passagem bíblica não apenas a providência de Deus, mas a importância da participação humana – apesar de ter pouco a oferecer – na obra conjunta com Deus. A partilha é a efetivação da vocação humana à comunhão fraterna. Todo gesto de partilha não passará sem uma resposta de Deus.

3. II leitura (Ef 4,1-6): Num só corpo

Com o capítulo 4, a carta aos Efésios começa grande exortação sobre o que vem a ser a vida cristã na prática. No texto de hoje, os cristãos devem levar uma vida digna da vocação que receberam: serem outro Cristo. A vida cristã é regida por valores totalmente diferentes daqueles que orientam a sociedade de ontem e de hoje.

“Suportai-vos uns aos outros no amor” (v. 2) significa que o amor de cada um ao seu próximo deve ser o suporte, para que ninguém venha a cair. “Pelo vínculo da paz” quer dizer que o *Shalom* é o elo que nos mantém unidos no mesmo espírito. O *Shalom* não significa concordar sempre com as ideias dos outros ou nunca haver atritos entre nós. Significa que o outro pode contar comigo sempre, embora pensemos bem diferente um do outro.

Somos distintos, mas formamos um só corpo. Estamos conectados existencialmente, pois o Pai está “no meio de nós e em cada um de nós” (v. 6). Não é possível seguir Jesus a não ser entrando nessa comunhão. “Há um só corpo”: o egoísmo sequestra a dignidade da vocação à comunhão, que se efetiva em gestos concretos no dia a dia.

III. Pistas para reflexão

- Todo aquele que faz autêntica experiência com Deus torna-se mais preocupado com o ser humano e mais dócil à ação divina. Quem tem verdadeiro encontro com Deus põe-se a seu serviço em favor do pró-



ximo. A mesquinha, o egoísmo e o indiferentismo são sinais de que a pessoa está longe de ser religiosa no sentido exato da palavra, ou seja, de estar ligada a Deus. Em vez de servir a Deus servindo o próximo, muitas pessoas são, de fato, usurpadoras do sagrado, ou seja, usam a religião em benefício dos próprios interesses.

- É louvável que a homilia incentive cada um a fazer sua parte, a não ser indiferente às necessidades das pessoas nem à vontade de Deus. Ainda há muitos necessitados em nosso meio, o que é sinal de que há muito ainda a ser feito para que possamos dizer, com toda a certeza, que vivemos em comunhão. Aproximar-se da mesa eucarística com um coração indiferente às necessidades alheias é uma ofensa à misericórdia de Deus.

18º DOMINGO COMUM

2 de agosto

Deu-lhes a comer o pão do céu

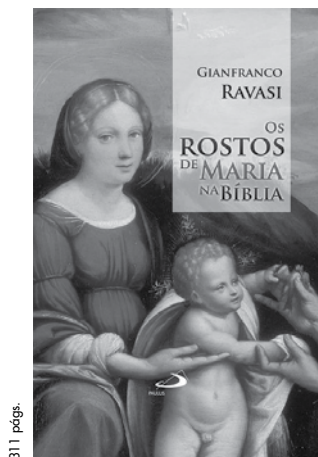
I. Introdução geral

Continuando com o tema do sinal do pão, a liturgia de hoje – e nos domingos seguintes – centra-se no discurso de Jesus sobre o “pão da vida” ou “pão do céu”.

Por meio do maná (pela manhã) e das codornizes (à tarde), Deus sustentava a vida do povo no deserto. Apesar da benevolência divina, o povo não mudava de atitude, não parava de murmurar e de preferir a antiga vida de escravidão à vida nova, com dignidade, dada por Deus. É bem adequada a exortação da carta aos Efésios para que os cristãos não tornem a proceder como antigamente, na futilidade de pensamentos: “foi bem outra coisa o que aprendestes de Cristo” (Ef 4,20).

Os rostos de Maria na Bíblia

Gianfranco Ravasi



Ícones marianos das mais diversas fisionomias encheram os séculos, todos, porém, remontam aos ícones não pintados, mas descritos que se encontram disseminados nas páginas bíblicas. São estes os retratos mais semelhantes ao original, aos quais a arte sempre aludiu, a que sobretudo a espiritualidade cristã fez referência para que o rosto de Maria se refletisse continuamente no espelho da alma.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





II. Comentário dos textos bíblicos

1. Evangelho (Jo 6,24-35): Eu sou o pão da vida

A multidão está à procura de Jesus, movida não pelo que o sinal do pão aponta, mas pelo interesse pessoal de saciar a fome. Por isso, Jesus reprova a multidão, que não o busca por ele mesmo. Ele chama a atenção para que a multidão se empenhe mais pelo alimento que permanece, e não apenas pelo alimento perecível. Esse empenho deve ocupar a vida do cristão em sua totalidade. O verdadeiro alimento é Jesus, que dá a vida eterna àqueles que o buscam. Vida eterna significa uma existência reconciliada com Deus. Por isso, essa vida inicia-se já aqui na história.

Movida pelo interesse pessoal, a multidão pede a Jesus que realize a obra de Deus, mas não sabe a profundidade do pedido que faz. A obra que Deus quer realizar é que o ser humano busque a Jesus (v. 29), o caminho para Deus. E buscar a Deus significa abandonar-se incondicionalmente ao seu amor e à sua vontade. Por isso a multidão não compreende o alcance de seu pedido, já que se nega a fazer a vontade de Deus, que é crer naquele que ele enviou.

O pedido do sinal também revela a incapacidade de enxergar, porque viram o sinal, mas, como não têm fé, não viram a ação de Deus. E os sinais que a multidão pede devem superar os milagres realizados no antigo Israel, milagres que legitimam suas pretensões messiânicas. Para isso recordam o prodígio do êxodo, quando Moisés alimentou o povo no deserto com o maná. A isso Jesus responde, mostrando que o verdadeiro pão do céu quem dá é o Pai. E o pão do céu é o próprio Jesus, que veio dar a vida eterna. Esse sinal revela o messianismo de Jesus, a multidão não precisa então de outro sinal.

Contudo, a multidão continua sem compreender o sinal, porque pede a Jesus que lhe dê sempre desse pão. Não entendem o verdadeiro alcance de suas palavras. A resposta de Jesus é semelhante à que foi dada à samaritana (Jo 6,35): quem vai a Jesus nunca mais terá fome nem sede.

No deserto, o povo foi alimentado com o maná e teve a sede saciada com a água que saiu da rocha. Mas o povo morreu; isso mostra que aquelas realidades antigas eram apenas uma prefiguração de Jesus, o enviado de Deus, que oferece o verdadeiro alimento e sacia totalmente a sede que a criatura tem de seu Criador.

2. I leitura (Ex 16,2-4.12-15): Farei chover pão do céu para vós

A leitura afirma que “toda a comunidade dos israelitas murmurava” (v. 2). Isso significa que todos estavam de acordo sobre um ponto: era melhor ser escravo no Egito e ter o que comer do que ser livre e passar fome. A comunidade formava uma multidão interesseira. O povo rapidamente esqueceu que havia chorado sob os açoites dos feitores egípcios e que clamou a Deus, pedindo que o libertasse. Após a libertação, os israelitas lembravam-se do cheiro e do gosto dos temperos nos cozidos de carne, mas haviam esquecido as chicotadas dos feitores e o trabalho forçado. A que preço, anteriormente, comeram aquele alimento sem ter direito à vida e à dignidade, correndo risco de morte a cada instante.

Nas reclamações dos israelitas há uma acusação contra o Senhor: “Por que nos trouxe o Senhor a este deserto? Para matar de fome toda esta gente?” (v. 3). Conforme essas palavras, não há diferença entre Deus e o faraó, pois ambos armam ciladas para destruir o povo. No entanto, na literatura judaica, o faraó e o Egito simbolizam a ausência de respeito à vida e à dignidade humana, significam opressão e escravidão. Ambos são a negação da vida e do reino de Deus.



O faraó é o contrário de Deus e de seu projeto salvífico. O povo necessita mudar de mentalidade e de atitude. O Senhor não intenta matar Israel no deserto. Na dureza da vida no deserto, o povo é cuidado por Deus como os pais cuidam de seus bebês. Os israelitas foram levados ao deserto para fazer a experiência de serem amados e cuidados por Deus, já que no Egito tinham experimentado apenas o rigor da servidão. Os israelitas conheciam apenas o faraó como senhor, agora necessitavam saber quem era Deus. Eles foram alimentados e cuidados no deserto para que tivessem uma experiência diferente: “Assim sabereis que eu sou o Senhor vosso Deus” (v. 12).

3. II leitura (Ef 4,17.20-24): Aquele que desceu do céu

O apóstolo faz que os efésios se recordem do que eram antes de se converterem, ou seja, da maneira como viviam e de como os gentios ao redor deles ainda procedem. Na Bíblia, a vida é frequentemente comparada a uma jornada, e por isso o apóstolo diz que os cristãos não devem caminhar como antigamente o faziam e como ainda fazem os seus contrerrâneos.

Os gentios se comportam com “ vaidade ” de mente, afirma o texto. A palavra “ vaidade ” nas Escrituras significa “ vacuidade ” e denota um mal no âmbito da moral. Na Bíblia, comumente esse termo é aplicado aos que adoram ídolos vãos, em contraposição a quem conhece o Deus vivo e verdadeiro. Para religiões tão diferentes, os comportamentos humanos igualmente devem ser muito diferentes; os efésios precisam saber disso e mudar de atitude.

O homem vão é aquele que caminha de acordo com os próprios interesses, mas coisa muito diferente foi ensinada aos cristãos. Cristo ensinou que a religião exige abandono total no curso da vida.

Com ironia sutil o texto diz: “ se é que ouvistes falar de Cristo e nele fostes instruídos ”

Patrística

**Da incompreensibilidade de Deus |
Da providência de Deus | Cartas**

São João Crisóstomo



João Crisóstomo foi um dos teólogos cristãos mais fecundos da Antiguidade. Em meio aos sermões bíblicos, que caracterizaram sua ação pastoral, deixou-nos tratados e cartas cuja importância transcende seu contexto histórico-cultural. Os sermões, de forte cunho escriturístico, versam principalmente sobre problemas de sua época. Por isso foi perseguido, banido e encontrou a morte longe de sua gente, certo, porém, de que, ao trilhar esse caminho, seguia atrás dos mártires, dos apóstolos e do próprio Cristo.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





(v. 21). Quem escuta atentamente as instruções de Cristo sabe qual é o verdadeiro propósito da “religião” (relacionamento com Deus). A respeito da conduta anterior ou dos hábitos de vida, os cristãos devem deixar de lado tudo o que pertence a uma natureza egoísta.

O Filho de Deus, que desceu do céu para conviver conosco, instrui-nos sobre o que agrada a Deus; ele nos deu essa instrução com a sua própria vida. Jesus nos mostrou como vive um verdadeiro filho de Deus. E isso não é algo que esteja além dos limites humanos. Mostrou que é possível ao ser humano tirar do foco os próprios interesses e identificar a própria vontade com a vontade de Deus.

III. Pistas para reflexão

Já que estamos no mês das vocações, é bom ressaltar o seguinte:

- Há pessoas que fazem da religião uma fonte de lucro ou de privilégios pessoais, usando-a para o conforto e prosperidade pessoais.

- Os hebreus eram escravos no Egito e lá recebiam apenas pão para a própria sobrevivência. Livres no deserto, queriam continuar no mesmo esquema: Deus teria de alimentá-los. Mas Deus queria ter com eles um relacionamento que não se baseasse na troca de favores.

- O Deus de Jesus Cristo é diferente do faraó e dos deuses antigos dos egípcios, ele liberta da escravidão do pecado e do egoísmo. Deus é livre, não se deixa manipular em favor de interesses egoístas. Deus cuida dos seres humanos porque ele é bom.

- Hoje cresce o número de pessoas que buscam o sagrado porque querem ter um emprego, um companheiro, cursar uma universidade etc. Não buscam a Deus, mas milagres e curas. Os santos, no entanto, buscavam a Deus por ele mesmo, e não por causa do que lucrariam com a religião. Eles enten-

deram a instrução de Jesus e trabalharam pelo pão que não perece e que permanece até a vida eterna (Jo 6,27).

19º DOMINGO COMUM

9 de agosto

Cristo, o pão vivo descido do céu

I. Introdução geral

O alimento e a água dados por Deus ao profeta Elias, que lhe restauram as forças e o sustentam na longa caminhada até a Montanha de Deus, são transparentes figuras da eucaristia e do batismo, que dão a vida eterna e sustentam o cristão no caminho para Deus. A consequência prática disso é que a caminhada do cristão consiste na configuração da própria vida à vida de Cristo, andando no amor e doando-se a Deus e ao próximo.

II. Comentário dos textos bíblicos

1. Evangelho (Jo 6,41-51): Quem comer deste pão viverá eternamente

Jesus é o pão da vida, aquele que comer deste pão terá a vida eterna. E vida eterna não é a mesma coisa que vida pós-morte. Vida eterna significa vida reconciliada com Deus. Vida essa que já começa aqui, numa existência orientada para Deus, em profunda união com ele, e se prolonga após a morte.

Nesse sentido, quem come desse pão não morrerá. Isso não diz respeito à morte física, porque esta faz parte da realidade humana, da sua condição de ser histórico, finito, contingente. Não morrer, no sentido cristão da pala-



vra, significa que a morte como ruptura definitiva com Deus foi abolida. Se, na existência humana histórica, se pode viver em união com Deus, essa união não termina com a morte. Esta se transforma em passagem para uma vida plena, em que o filho retorna à casa do Pai. Se o cristão vive sua vida reconciliada com Deus, então até mesmo a morte se torna sua aliada, e não uma realidade terrível que o ser humano tenta desesperadamente evitar. Assim como Jesus enfrentou a morte de cabeça erguida, nele nós enfrentamos a morte como vencedores, pois temos nossa vida em Deus.

Quando Jesus afirma: “E o pão que eu darei é minha carne para a vida do mundo”, refere-se à entrega que faz de si mesmo na cruz para a vida do mundo. Como a existência integral de Jesus foi vivida em profunda união com o Pai em prol da humanidade, sua entrega na cruz não é um evento pontual, mas o resultado de tudo o que ele ensinou e viveu. Porque ele se entregou à humanidade durante sua vida inteira, pôde entregar-se finalmente na morte. A existência inteira de Jesus foi oferta agradável ao Pai em prol do ser humano.

O conhecimento desse mistério será acolhido por todos os que vieram a Jesus. Porque serão instruídos pelo Pai, verdadeiros discípulos de Deus, seus seguidores. Ser discípulo de Jesus é a mesma coisa que ser discípulo de Deus, porque o Filho e o Pai estão unidos em solidariedade pela salvação do mundo. O ensinamento que os discípulos aprendem vem do Pai por meio da vida de Jesus.

2. I leitura (1Rs 19,4-8): Come deste pão! Porque o caminho é superior às tuas forças

O profeta Elias vagava em fuga pelo deserto adentro. A certa altura, encontrava-se cansado por ter passado longos dias e noites na viagem. Além do cansaço, estava exausto pelo forte calor do sol; sentia fome e sede e, além disso, oprimia-lhe a solidão do deserto.

DVD – O povo brasileiro

PAULUS Vídeo

Direção: Isa Grinspum Ferraz



O antropólogo Darcy Ribeiro (1913-1997) foi um dos maiores intelectuais brasileiros do século XX. Esse DVD duplo traz todos os 10 programas da elogiada série baseada na obra-prima de Darcy: *O Povo Brasileiro*, em que o autor responde à questão “quem são os brasileiros?”, investigando a formação do nosso povo. Com imagens captadas em todo o Brasil, material de arquivo raro e depoimentos, *O Povo Brasileiro* é indispensável para educadores, estudantes e todos os interessados em conhecer mais sobre o Brasil e os brasileiros.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





Nesse estado de coisas, só lhe restava dizer: “Agora basta, Senhor!” (v. 4). Ele pediu a morte – embora isso pareça uma contradição, já que estava fugindo da rainha Jezabel para preservar a própria vida.

Elias está fazendo um êxodo ao contrário, pois, durante 40 anos, o povo foi do deserto para Israel e agora o profeta vai da terra prometida à Montanha de Deus. E, assim como aconteceu aos antepassados, a quem o profeta chama de “pais” (v. 4), Deus providenciou alimento e água para manter a vida do profeta. O texto menciona que o alimento era “pão assado na pedra”, ou seja, o alimento cotidiano de vários povos orientais (cf. Gn 18,6).

Com o alimento e a água, Elias sentiu-se confortável e quis ficar ali acomodado, dormindo. Mas recebeu uma ordem para levantar-se (mesmo termo que significa “ressuscitar”) e dirigir-se até a Montanha de Deus. O texto afirma que o profeta andou 40 dias, fortalecido pelo alimento e pela água, em clara alusão aos 40 anos que os hebreus haviam passado no deserto alimentados pelo maná e pela água tirada da rocha. Elias precisava chegar à Montanha, lugar onde Deus havia confirmado a aliança feita com os patriarcas e seus descendentes e adotado as tribos de Israel como povo escolhido (cf. Ex 3,1).

3. II leitura (Ef 4,30-5,2): Cristo por nós se entregou como oferta de suave odor

A exortação “não contristeis o Espírito Santo” parece estranha. O termo usado também quer dizer “provocar dor” ou “causar pesar”. Essa expressão simbólica significa que os cristãos não devem fazer o oposto daquilo para o qual receberam a unção do Espírito Santo.

O Espírito Santo na vida do cristão é o selo de Deus. Antigamente se marcava qualquer propriedade com um emblema que identificava o dono. Um exemplo atual são os objetos da paróquia, comumente marcados com um carimbo ou etiqueta para indi-

car a instituição proprietária. O Espírito Santo assegura que somos propriedade do Senhor e que devemos ser empregados completamente no serviço de Deus. Até que chegue “o tempo da redenção”, ou seja, o nosso encontro definitivo com o Senhor, devemos trilhar nosso caminho com firmeza de propósitos e testemunho de vida, sem nunca nos cansarmos de fazer o bem.

Como as crianças gostam de imitar os pais e é assim que aprendem as coisas do dia a dia, da mesma forma os cristãos deveriam seguir o exemplo de Deus. Mas como é possível imitar a Deus? O que significa isso? A resposta está no v. 2: “Andai no amor, como também Cristo nos amou e se entregou por nós a Deus como oferta e sacrifício de suave odor”.

O termo “oferta” significa qualquer oferecimento pelo qual se expressa gratidão por tudo (todas as graças) que se recebe da benevolência de Deus. “Sacrifício” quer dizer aquilo que se oferece quando se perdem, por causa da ruptura do pecado, as graças recebidas de Deus. Por fim, a expressão “de suave odor” significa estar de acordo com o que Deus ordenou, diz-se do sacrifício que agrada a Deus ou que ele aceitou com prazer.

III. Pistas para reflexão

- O pão e a água, figuras da eucaristia e do batismo, têm o objetivo de levar o cristão a entrar em aliança com Deus, fazer a experiência da ressurreição. São força e sustento na caminhada rumo a Deus. Não nos são dados para que fiquemos acomodados na sombra, mas para enfrentarmos os rigores do deserto. A jornada de Cristo neste mundo foi vivida no amor. Com esse estilo de vida, ele demonstrou gratidão, ofereceu-se para superar a ruptura provocada por nosso pecado e agradou a Deus em tudo. É esse tipo de vida que Cristo nos dá e é assim que devemos viver.

- Neste dia em que celebramos a vocação de constituir família, no qual homenageamos



especialmente os pais, é bom enfatizar o relacionamento filial que Cristo nos ensinou a ter com Deus. Os meios visíveis (sacramentos) que nos introduzem nessa filiação e, principalmente, a ação de Deus para efetivar esse relacionamento filial. O alimento material é apenas um sinal de tudo o que Deus realizou em nosso favor como Pai amoroso.

20º DOMINGO DO T.C. / ASSUNÇÃO DE NOSSA SENHORA

16 de agosto

Um grande sinal para a Igreja e para a humanidade

I. Introdução geral

A festa da Assunção de Maria é a festa da assunção da Igreja. Maria colabora no mistério da redenção, associando-se a seu Filho (LG 56). Sua assunção é figura do que acontecerá com todos os seguidores de Jesus no fim dos tempos. Porque Maria não é apenas a imagem (o reflexo), mas também a imagem típica (o protótipo) da Igreja. A Igreja deve ser aquilo que Maria é. E, enquanto peregrina neste mundo, a Igreja tem Maria como um sinal “até que chegue o Dia do Senhor” (LG 68). O que celebramos na festa de hoje é a vitória de Cristo sobre todos os poderes que tentam impedir o reino de Deus. Celebramos, tendo Maria como sinal, a vitória da Igreja inteira sobre a morte e o pecado.

II. Comentário dos textos bíblicos

1. Evangelho (Lc 1,39-56): Feliz aquela que acreditou

Este trecho do evangelho está vinculado ao texto da anunciação, como seu desenvolvimento. Ao ouvir a mensagem do anjo Gabriel em relação à encarnação do Filho de Deus, tendo como sinal a gravidez de Isabel, Maria se dirige prontamente para a região montanhosa.

A conexão entre esses trechos nos aponta duas verdades sobre Maria: sua fé e seu compromisso com o reino. Com a fé que ela demonstra na palavra de Deus, temos em Maria a verdadeira discípula, que ouve a Palavra e a põe em prática. A fé na palavra de Deus gera compromisso, que leva o discípulo a realizar na vida o que ouviu. É o que Maria nos mostra com seu exemplo.

Maria é exemplo de discípula para quem acredita no cumprimento das promessas divinas, porque ela mesma está à disposição de Deus para servi-lo como instrumento dócil. Foi isso o que aconteceu quando disse: “Eis a serva do Senhor! Faça-se em mim segundo a tua palavra” (1,38). E, imediatamente, saiu para visitar sua prima. Ao chegar, é saudada por Isabel, e algo de revelador acontece. O teor da saudação diz respeito a duas realidades. A primeira refere-se à atitude crente de Maria. Ela é bendita porque acreditou. Aqui é exaltada a sua fé. Foi sua total adesão à palavra de Deus que operou um milagre em sua vida e na vida da humanidade: a encarnação do Filho. Daqui passamos para a outra realidade da saudação: “e bendito é o fruto do teu ventre!” Maria, que carrega no útero o Filho de Deus, é identificada com a arca da aliança. No Antigo Testamento, a arca da aliança era símbolo do encontro entre Deus e a humanidade. No útero de Maria dá-se o encontro entre Deus e a humanidade, pois Cristo é verdadeiro Deus e verdadeiro homem.

Maria representa a Igreja, que se compromete com o reino pela fé na palavra de Deus e pela exigência de gerar o Cristo para o mundo por meio do anúncio, do testemunho e do serviço.



2. I leitura (Ap 11,19a; 12,1.3-6a.10ab): Vitória na luta contra o dragão

A principal personagem que aparece no grande sinal do céu não tem sua identidade imediatamente revelada pelo livro do Apocalipse, é chamada apenas de “mulher”. Somente no desenrolar da narrativa é que sua identidade fica clara.

A mulher é adornada pelos astros que a envolvem, o que significa que ela é a coroação de todas as obras da criação. Essa representação alude ao sonho de José, filho de Jacó (cf. Gn 37,9), interpretado pelos sábios judeus como referência à vinda do reino onde tudo na natureza e na história estaria submetido ao poder de Deus.

Em oposição à mulher está a figura tenebrosa do dragão, descrito com características horripilantes, adornado pelos principais símbolos do poder humano: chifres e diademas. O significado dessa figura nos é dado pelo texto de Dn 7,24; trata-se dos governantes dos impérios, são os poderes do mundo.

O dragão intenta fazer mal à mulher, mas ela é levada para o deserto, lugar que Deus lhe tinha preparado, e ali é cuidada. Então a mulher representa o novo povo de Deus. A Igreja, comunidade dos seguidores de Cristo, enquanto aguarda a segunda vinda do Senhor, suporta as dificuldades do deserto, situação onde o novo povo de Deus esperou para entrar na terra prometida.

Enquanto essa cena se desenrola na terra, especificamente no deserto, uma voz proclama que há uma nova realidade no céu: ali o reino de Deus já acontece plenamente (v. 10). Cristo, o ser humano plenificado e vitorioso, é a garantia de nosso acesso ao céu. Isso significa que a mulher que ainda permanece no deserto pode ter certeza da vitória em sua luta contra o dragão.

3. II leitura (1Cor 15,20-27a): Cristo ressuscitou como primícias dos que morreram

A Lei, em Dt 26,2, exigia que os primeiros frutos (as primícias) fossem oferecidos ao Senhor para expressar a gratidão do agricultor e o reconhecimento de que Deus era o responsável pela colheita. Quando o israelita oferecia os primeiros frutos a Deus, estava agradecendo pela colheita inteira. Os primeiros frutos saídos da terra eram parte da colheita, e tão certo quanto as primícias são a prova de que há uma colheita, a ressurreição de Cristo é a garantia de nossa ressurreição nele.

Cristo, primícias dentre os mortos, ascendeu ao céu e ofertou a si mesmo a Deus como o representante de seus seguidores, ou seja, da Igreja, que ascenderá depois dele. Não é somente o primeiro na ordem do tempo que ressuscitou dos mortos (primeiro a sair de dentro da terra), mas é o principal no que se refere a dignidade e a importância, estando conectado com todos os demais que vão ressuscitar. Cristo é o ser humano ressuscitado, e nossa ressurreição é a partir dele. Portanto, nossas esperanças não são vãs, nossa fé não é inútil e nós não seremos desapontados.

III. Pistas para reflexão

- Em 1974, o papa Paulo VI escreveu um documento sobre a devoção a Maria (*Marialis Cultus*) que continua a ser a norma para a devoção mariana entre os católicos. Depois de normatizar a devoção mariana em função de Cristo, o papa destaca em dois números (MC 26 e 27) a mesma devoção em relação ao Espírito Santo. Isso significa primeiramente que não pode haver culto a Maria em si mesma.

- O texto retirado do livro do Apocalipse é claramente cristológico, como se pode ver nos seguintes trechos: “Nasceu-lhe, pois, um filho varão, que há de reger todas as nações



com cetro de ferro. E o seu filho foi elevado para Deus até o seu trono” (v. 5). “Agora, veio a salvação, o poder, o reino do nosso Deus e a autoridade do seu Cristo” (v. 10).

- Portanto, a homilia não deve contribuir para um devocionismo exagerado (não fundamentado nem na Escritura nem na tradição genuína) a respeito da mãe do Senhor e nossa mãe, modelo daquilo que devemos ser e que seremos na plenitude dos tempos.

21º DOMINGO COMUM

23 de agosto

Senhor, a quem iremos?

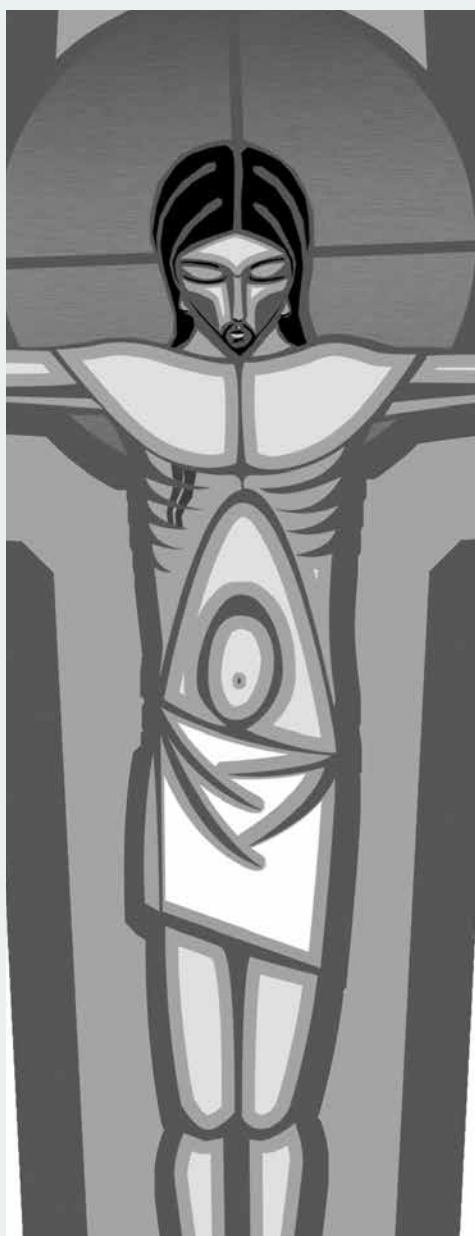
I. Introdução geral

Os textos da liturgia de hoje sugerem que, se não servimos a Deus de livre vontade, o serviço pode resultar em hipocrisia. Deus deseja que o sirvamos de todo o coração, mas isso só será possível se fizermos opção consciente por ele. A opção por Deus traz como consequência novas formas de relacionamento com o próximo, a começar em casa. Isso significa que o cristianismo não se separa das relações que constituem a vida humana.

II. Comentário dos textos bíblicos

1. Evangelho (Jo 6,60-69): Vós também quereis ir embora?

Depois de todos terem visto o sinal do pão e ouvirem o discurso, chegou a hora da decisão da fé. Aderir a Jesus como enviado de Deus ou rejeitá-lo. A decisão não é apenas da multidão, mas dos discípulos também. É decisão definitiva, porque, a partir



lúcio américo
arte sacra

tendalucio@gmail.com
(11) 98729.6727

www.lucioartesacla.com



daí, os que estão com Jesus também devem participar de seu destino. A palavra de Jesus é muito dura. Somente a fé naquele que pode dar a vida eterna capacita para enfrentar a dureza dessa palavra.

Não se trata apenas de ouvir, mas de escutar prontamente para realizar na vida aquilo que se escuta de Deus. No caso, o que eles escutaram diz respeito à adesão incondicional dos discípulos à vida de Jesus. E se isso os escandaliza, o que dirão quando acontecer seu retorno ao Pai? É assim que Jesus concebe sua morte na cruz: como retorno para o lugar de onde veio, para o seio do Pai.

O contraste entre *carne* e *espírito* refere-se a duas formas de viver. A carne diz respeito ao ser humano entregue a si mesmo e aos limites de suas possibilidades. Por si mesmo é incapaz de perceber o sentido profundo das palavras e dos sinais de Jesus ou de crer. Por isso, é o espírito a força que ilumina o ser humano, lhe abre os olhos e lhe permite discernir a Palavra que se diz em Jesus. Não são duas dimensões do ser humano, mas duas maneiras de viver sua existência. Nem todos os discípulos estão se deixando conduzir pelo espírito, por isso não conseguem dar o próximo passo: a fé. A verdadeira fé significa adesão sem reserva àquele cujas palavras prometem e comunicam a vida eterna: ele é efetivamente o enviado que Deus consagrou.

Simão Pedro, representante da comunidade, confessa sua fé em Jesus, dizendo que só ele tem palavras de vida eterna. A quem iremos? Quem poderia nos oferecer uma vida plena, reconciliada com Deus, cuja existência humana é sustentada com seu amor? Só Jesus.

2. I leitura (Js 24,1-2a.15-17.18b): Escolhei hoje a quem quereis servir

Siquém ocupa lugar de destaque na história dos patriarcas, pois foi por ali que Abraão entrou na terra prometida (cf. Gn 12,6), rompendo com o passado e recomeçando uma vida nova que se caracterizava

pela adoração ao Deus vivo e verdadeiro e pela renúncia ao politeísmo. Nada melhor que fazer a renovação da aliança naquele lugar; com esse objetivo, Josué reuniu ali os representantes das tribos. Antes de tudo, era necessário fazer uma escolha: a quem desejam adorar? Ao Deus que os tirou do Egito ou aos deuses estrangeiros a que Abraão, Isaac e Jacó haviam renunciado?

Os hebreus responderam à pergunta de Josué de modo enfático, mostrando a opção deles por servir o Senhor em vez dos ídolos. A expressão “Deus nos livre” ressalta o horror à idolatria; adorar os ídolos em vez do Senhor é algo absurdo e não deve ser cogitado em hipótese alguma.

A razão dada para a escolha é que eles provaram do cuidado e atenção que Deus teve para com eles, tirando-os da escravidão e guardando-os durante todo o caminho até ali.

3. II leitura (Ef 5,21-32): Cristo amou a Igreja e se entregou por ela

Escrita no século I d.C. sob o império romano, uma sociedade dividida em castas, com senhores e escravos, e em que a posição da mulher dependia da decisão do marido, a carta aos Efésios mostra-se rica em sabedoria, porque se aproveita de elementos desse contexto histórico e cultural para ensinar sobre o relacionamento entre Cristo e a Igreja, ao mesmo tempo que instrui sobre como deve ser a nova forma de os cristãos construírem seus relacionamentos naquela sociedade.

Primeiramente deve haver subordinação de uns para com os outros. Assim ninguém tomará o lugar de Deus, pois o motivo dessa subordinação é a reverência ao Senhor. O termo grego correspondente a “subordinai-vos” não é pejorativo; ao contrário, é termo militar que significa estar sob as ordens (ou sob a orientação) de um oficial imediato. Esse termo iguala a todos, pois cada um está sob as ordens de outro, e ao mesmo tempo sugere



que há funções diferentes. A expressão “reverência ao Senhor” significa que Deus está acima de qualquer autoridade e que somente a ele e não a outro se deve adorar.

No texto de hoje temos uma das mais belas (e menos compreendidas!) analogias paulinas, comparando a relação entre esposo e esposa ao relacionamento entre Cristo e a Igreja. Há alguns elementos sobre os quais a analogia está estruturada que nos ajudam a melhor entendê-la: 1) a esposa deve estar subordinada ao esposo; 2) destaca-se que o motivo dessa subordinação é Cristo e não o marido, ao contrário do que se pensava naquela época; 3) a esposa representa a Igreja e o esposo representa Cristo, o que significa que a subordinação da esposa é imagem da subordinação da Igreja a Cristo; 3) o esposo deve amar a esposa como Cristo amou a Igreja, isto é, o esposo deve dar a vida pela esposa até a cruz. Como naquela sociedade a responsabilidade maior era a do marido, assim também a maior exigência é feita a ele e não à esposa.

Enfim, todos somos membros do mesmo corpo, um não é maior que o outro, embora haja diversas funções. Além disso, esposo e esposa constituem uma única carne, da mesma forma que a Igreja é corpo de Cristo.

O mistério da união entre Cristo e a Igreja é muito grande e não há palavras para defini-lo. A analogia com o matrimônio é apenas uma tentativa de compreendê-lo melhor (v. 32) para melhor servir no reino de Deus.

III. Pistas para reflexão

- Encerramos o mês vocacional com textos que enfatizam o valor da opção consciente e instruída. No mundo de hoje, o cristianismo deve ser fruto de uma escolha muito mais que antigamente, pois, no tempo da comunidade primitiva, muitas vezes a família determinava as decisões dos filhos. Hoje isso já não é possível. A Igreja deve ter a coragem de perguntar a seus membros se têm certeza

de que realmente querem continuar a ser cristãos católicos. Além de mostrar que a vivência cristã é fruto de uma escolha, de uma decisão pessoal, a Igreja deve oferecer formação às pessoas para que conheçam e entendam mais profundamente o cristianismo católico e assim possam dar uma resposta mais consciente e segura.

22º DOMINGO DO TEMPO COMUM

30 de agosto

Celso Loraschi

A Palavra de Deus: vida para todos

I. Introdução geral

A Palavra de Deus tem o objetivo de promover a vida para todas as pessoas. É o tema central das leituras deste domingo. Somos herdeiros de uma tradição de fé na qual Deus revelou seu plano de amor e salvação a toda a humanidade. O povo de Israel, desde a sua origem, faz a experiência desse amor de Deus, sente sua presença libertadora e procura acolher o seu projeto. Por meio das palavras colocadas na boca de Moisés (1 leitura), Deus alerta para a importância da prática de normas e estatutos a fim de garantir as condições de vida e dignidade na terra prometida. Mais tarde, essas normas e estatutos foram interpretados segundo os interesses do sistema sacerdotal de pureza. Tornaram-se legalismo excludente, contra o qual Jesus se posiciona. Seu ensinamento e sua prática seguem por outro caminho: é do coração de cada um de nós que vem o discernimento para o bem ou para o mal (evangelho). A palavra de Deus é caminho, verdade e vida. A carta de Tiago insiste sobre a necessidade de ouvi-la com atenção e pô-la em prática, renunciando a



toda “imundície e malícia” (II leitura). Quem segue com docilidade a palavra de Deus possui a vida em si mesmo, livra-se da corrupção do mundo e solidariza-se com as pessoas que passam por dificuldades.

II. Comentário dos textos bíblicos

1. I leitura (Dt 4,1-2.6-8): Normas e estatutos que garantem a vida

O acontecimento do êxodo, com a organização do povo de Israel em tribos na terra prometida, sempre foi recordado pelas sucessivas gerações. Em cada época histórica, a memória do passado funciona como luz a iluminar o sentido do presente e projetar um futuro melhor. Esse é também o objetivo da I leitura da liturgia de hoje. O discurso colocado na boca de Moisés antes de entrar na terra prometida visa a aprofundar a importância das normas e estatutos que garantem a vida de liberdade e de paz para o povo.

Sabemos que o povo de Israel se formou no processo da caminhada de libertação da escravidão do Egito. Diversos grupos de marginalizados uniram-se ao redor do mesmo sonho. Fizeram a experiência de fé no Deus vivo e libertador. Identificaram-se como “povo de Deus”. Na terra de Canaã, organizaram-se em tribos e nela puderam viver orientados por leis estabelecidas com base nas descobertas feitas na convivência durante o êxodo e no processo de organização na nova terra. São normas e estatutos que orientam desde as relações familiares até as tribos como um todo. Abrangem princípios econômicos (= a terra é de Deus e seus frutos devem ser partilhados segundo a necessidade de cada família), princípios políticos (= descentralização do poder e corresponsabilidade nas decisões) e princípios ideológico-religiosos, com fidelidade ao projeto libertador de Deus, cujo centro é a defesa e a promoção da vida.

Sabemos também que o regime tribalista em Israel, que durou mais ou menos 200 anos (de 1250 a.C. a 1050 a.C.), foi sucedido pela monarquia. As normas e estatutos foram modificados segundo os interesses dos reis. Nesse sentido, o texto de Deuteronômio pode ser visto como uma denúncia contra essas modificações que fortalecem um sistema político opressor do povo. O ensinamento oficial não é o mesmo de Moisés, isto é, já não corresponde ao ideal de uma sociedade justa. Deuteronômio, então, resgata a autoridade do maior representante da Lei, Moisés, e atualiza a memória de suas palavras: “Nada acrescentareis ao que eu vos ordeno e nada tirareis também: observareis os mandamentos do Senhor vosso Deus tais como vo-los prescrevo”. Uma grande nação não se faz com poder centralizado, nem com forte exército, nem com uma economia que privilegia um pequeno grupo. Uma grande nação se faz pela promoção da justiça social, pela qual todas as pessoas têm condições de viver bem. As leis que defendem esse ideal devem ser respeitadas.

2. Evangelho (Mc 7,1-8.14-15.21-23): A lei inscrita no coração

Jesus sabe onde pisa. Conhece o sistema que rege a vida dos seus contemporâneos. Sabe quem são e como se comportam os agentes desse sistema. Desde o início de seu ministério público, deixou claro o seu posicionamento: veio para resgatar a vida roubada pelas imposições absurdas do poder político e religioso que imperava na Palestina. O evangelho deste domingo relata uma das controvérsias entre Jesus e o grupo dos ideólogos do sistema de pureza: fariseus e escribas.

Por meio dessa controvérsia, deduz-se como o ensinamento oficial exercia pressão permanente sobre o cotidiano da vida das pessoas comuns. A lei deveria ser um caminho para garantir o bem-estar de todas as



peças e proporcionar uma convivência respeitosa. Para os escribas e fariseus, porém, tornou-se o meio de controle de todas as ações de cada pessoa. Como o texto de Marcos nos mostra, os casuísmos chegavam ao extremo de obrigar as observâncias nos mínimos detalhes, como lavar as mãos até o cotovelo antes de comer o pão “e muitos outros costumes...”. Ensinavam que essa era uma “tradição dos antigos” e, portanto, revestia-se de um caráter sagrado. Não podia ser violada.

A tradição dos antigos, porém, assim como era apresentada no tempo de Jesus, não correspondia ao sentido original da lei de Moisés. Originalmente, a lei em Israel visava à manutenção de uma sociedade baseada na justiça, na liberdade e na paz, como no tempo do tribalismo. A tradição dos antigos havia sido modificada pelos rabinos judeus a partir da organização do sistema sacerdotal de pureza. Ao redor do grande símbolo religioso que era o templo de Jerusalém, os rabinos fizeram sua própria interpretação da lei mosaica e acrescentaram grande quantidade de outras normas, impondo ao povo um peso insustentável. Não se podia viver normalmente sem infringir alguma dessas normas. Era uma maneira coercitiva de manter o povo na dependência dos interesses do grupo que controlava o sistema do Templo.

O texto mostra que qualquer infração era cobrada. Em todo lugar havia “espiões”. Podemos imaginar o que sentia uma pessoa do povo diante das exigências religiosas oficiais e de sua impossibilidade de cumpri-las. Leve-se em conta que esses ensinamentos eram incutidos desde a infância. Eram “mandamentos humanos” que não honravam a Deus.

A infração dos discípulos da exigência de lavar as mãos antes da refeição e a cobrança dos fariseus e escribas transformaram-se em ocasião propícia para Jesus oferecer outro ensinamento e indicar outro modo de viver o

Ser livre e ser feliz Encontros com adolescentes e jovens

Padre Orione Silva

Solange Maria do Carmo



204 pags.

Os adolescentes e jovens – ainda com mais força que todas as outras faixas etárias – buscam com afincado a felicidade. Esse desejo – próprio da idade, das mudanças hormonais, das descobertas da vida – facilita o debate sobre a liberdade e a felicidade, ainda mais em tempos atuais. É, pois, papel da catequese ajudá-los nessa busca. A catequese deve ser espaço para falar livremente dos sonhos, das esperanças, das angústias e das revoltas. Esta obra pertence à coleção Catequese Permanente.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000

0800-164011

SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





cotidiano. A pessoa, para honrar a Deus e prestar-lhe um culto digno, não precisa estar atrelada a um sistema de leis que oprime e exclui. Deve, sim, prestar atenção na lei inscrita por Deus em seu coração. É do interior de cada um de nós que saem as boas ou más intenções, as que nos tornam puros ou impuros. Deus mora em nós e, do mais profundo de cada pessoa, ele indica o caminho a seguir. Podemos rejeitar as suas indicações e manter-nos fechados em nosso egoísmo. A conduta de cada um de nós revela se seguimos a Deus ou as “intenções malignas: roubos, assassinios, prostituição, adultério, ambições desmedidas, arrogância...”.

3. II leitura (Tg 1,17-18.21b-22.27): Docilidade à Palavra

A carta de Tiago revela um dos principais empenhos existentes nas comunidades cristãs primitivas: ouvir e praticar a Palavra. Jesus se tornou o caminho da salvação. O ensinamento e a prática de Jesus agora são a nova lei a ser seguida. Jesus é a Palavra da Verdade que liberta e salva. Não basta, porém, ser ouvintes que logo esquecem. É necessário ser praticantes.

Percebe-se que Tiago está atento ao comportamento que algumas pessoas da comunidade estão demonstrando: há sinais de “imundície” e de “malícia”. Isso significa que o jeito de viver que deveria caracterizar os seguidores de Jesus não está sendo levado a sério por alguns. “Imundície” é próprio de quem adota atitudes sujas: injustiça, exploração, mentira, falsidade, corrupção e tantas outras coisas próprias de pessoas egoístas. Também o termo “malícia” denota o comportamento da pessoa que se deixa conduzir pelo mal. No texto, encontra-se a advertência: “Deixem de lado qualquer imundície e sinal de malícia”.

Eis o que Tiago propõe aos cristãos do seu tempo e a nós hoje: “Recebam com docilidade a Palavra que lhes foi plantada no co-

ração e que pode salvá-los”. Aqui percebemos íntima ligação com o evangelho de hoje: é de dentro do coração de cada um que provêm tanto as coisas boas como as más. É necessário prestar atenção no que Deus fala dentro de nós. A Palavra é Jesus e seu evangelho. Recebê-la com docilidade significa renunciar a toda espécie de imundície e de malícia e optar por fazer o bem uns aos outros, como Jesus nos ensinou.

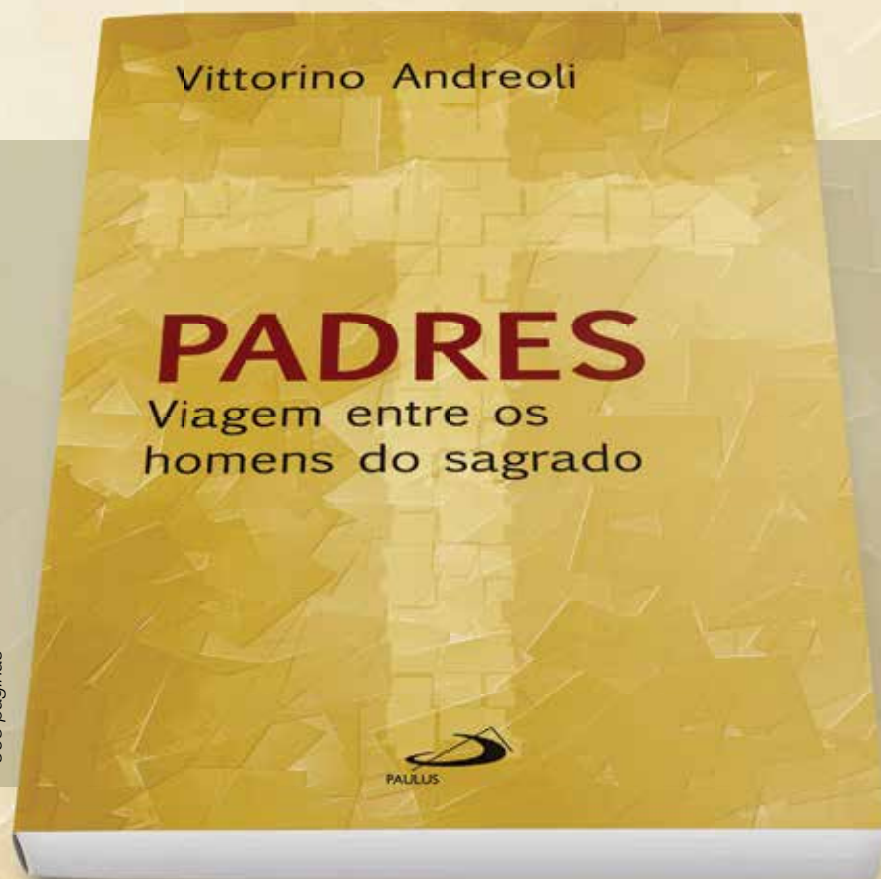
III. Pistas para reflexão

- *A palavra de Deus visa garantir a vida de todas as pessoas:* O povo de Israel tinha consciência de que a sociedade deve ser organizada de acordo com o plano de Deus. A terra foi-lhe dada por Deus a fim de que nela todas as tribos pudessem conviver como uma só família. Por isso, estabeleceram “normas e estatutos” para viver na liberdade e promover a dignidade e a paz social. Terra prometida + mandamentos de Deus = vida sem exclusão. Pode-se refletir sobre os princípios irrenunciáveis para uma vida feliz tanto na família como na sociedade...

- *A palavra de Deus no coração de cada pessoa:* Jesus ensinou a prestar atenção no que Deus revela no coração de cada um de nós. Aí está inscrita a sua vontade. Tiago exorta: “Recebam com docilidade a Palavra que lhes foi plantada no coração e que pode salvá-los”. É preciso aprender a discernir o que é bom e ser fiel ao plano de Deus, evitando toda “imundície e malícia” da realidade atual... Pode-se refletir sobre a importância da Bíblia como palavra de Deus, fundamental para a formação de boa consciência em vista da sociedade justa e fraterna.

- No domingo que vem começará o mês dedicado à Bíblia. Trata-se de ótima oportunidade para que a Igreja tenha membros mais conscientes, mais bem formados na palavra de Deus e mais seguros da decisão de serem cristãos católicos. ●

Jornadas e desafios da vida presbiteral



368 páginas

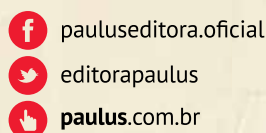
Padres **Viagem entre os homens do sagrado**

Vittorino Andreoli

Uma narrativa sobre a vida, as histórias e as fadigas de muitos sacerdotes.
Reflexão sobre a grande “procura de sagrado” do nosso tempo e nossa Igreja.
Uma leitura iluminadora para crentes e não crentes.

VENDAS:

11 3789-4000 | 0800-164011
vendas@paulus.com.br



CONHEÇA A NOVIDADE!

O DOMINGO Celebração Orante



O DOMINGO – CELEBRAÇÃO ORANTE

Propõe-se a ajudar o povo de Deus, a celebrar a Palavra de cada domingo.

- a) Cada número bimestral traz as celebrações para os domingos e dias festivos.
- b) As celebrações foram pensadas especialmente para os ministros leigos.
- c) O texto litúrgico apresentado está em conformidade com o Diretório de Liturgia da CNBB.
- d) A proposta de celebração orante apresentada baseia-se no evangelho do dia e segue o método Verdade, Caminho e Vida. A celebração orante tem caráter pessoal, mas pode ser feita em grupo.
- e) O periódico apresenta cantos litúrgicos em sintonia com as celebrações do bimestre.
- f) Propõe algumas orações da tradição da Igreja e uma breve página sobre catequese fundamental.

**ASSINE
CELEBRAÇÃO
ORANTE**

Central de Atendimento:

São Paulo: (11) 3789.4000
Outras localidades: 0800-164011
Se preferir, envie um e-mail
para assinaturas@paulus.com.br

